AUTOR
Renan Binda

ORGANIZADORA
Angelita Zimmermann



OLHARES DO GEOPARQUE

FOTOGRAFIA E EMPODERAMENTO EM CAÇAPAVA

1ª Edição

Editora PRE
UFSM

Santa Maria
2025

EXPEDIENTE

REITOR
Luciano Schuch

VICE-REITORA
Martha Bohrer Adaime

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO
Flavi Ferreira Lisbôa Filho

PRÓ-REITORA ADJUNTA DE EXTENSÃO
Jaciele Carine Vidor Sell

COORDENADORIA DE CULTURA E ARTE
Vera Lucia Portinho Vianna

CIDADANIA
Victor de Carli Lopes

COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Leandro Nunes Gabbi
Angelita Zimmermann
Bibiana Schiavini Gonçalves Toniazzo
Morgana Mello Bevilacqua
Patrícia de Freitas Ferreira

COORDENADORIA DE CIDADANIA
Victor De Carli Lopes

COORDENADORA DE ARTICULAÇÃO
E FOMENTO À EXTENSÃO
Jaciele Carine Vidor Sell

SUBDIVISÃO DE DIVULGAÇÃO
E EDITORAÇÃO
Rone Maria Rachele
Giana Tondolo Bonilla

RESPONSÁVEL TÉCNICA
Angelita Zimmermann

NÚCLEO DE APOIO ORÇAMENTÁRIO
Ana Carolina Cherobini Bortolin

ORGANIZADORA
Angelita Zimmermann

AUTOR, CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Renan Binda

REVISÃO TEXTUAL
Catharina Viegas de Carvalho

PROJETO GRÁFICO
Eduardo Prates Macedo

B612o Binda, Renan
Olhares do geoparque : fotografia e empoderamento em Caçapava / autor Renan Binda ; organizadora Angelita Zimmermann. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, Ed. PRE, 2025.

141 p. : il.

ISBN 978-65-83334-54-1

1. Fotografia 2. Unesco geoparque 3. Inclusão digital 4. Educação 5. Transformação social 6. Caçapava do Sul/RS I. Zimmermann, Angelita II. Título.

CDU 77:908(816.5)

Ficha catalográfica elaborada por Lizandra Veleda Arabidian - CRB-10/1492
Biblioteca Central da UFSM

OLHARES DO GEOPARQUE

FOTOGRAFIA E EMPODERAMENTO
EM CAÇAPAVA

Universidade Federal de Santa Maria 1960

50 anos PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO UFSM

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

utad UNESCO Chair on Geoparks, Sustainable Regional Development and Healthy Lifestyles University of Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

unesco Chair

CAÇAPAVA GEOPARQUE Mundial da UNESCO

unesco Global Geopark

PREFEITURA DE CAÇAPAVA DO SUL

PROGREDIR GEOPARQUE CAÇAPAVA UFSM

CRAS CENTRO DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Adriana dos Santos Marmori Lima
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Profa. Olgamir Amancia Ferreira
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Profa. Lucilene Maria de Sousa
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG

Prof. José Pereira da Silva
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

Profa. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT

Prof. Olney Vieira da Motta
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO – UENF

Prof. Leonardo José Steil
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC – UFABC

Profa. Simone Cristina Castanho Sabaini de Melo
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ – UENP

Profa. Tatiana Ribeiro Velloso
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB

Prof. Odair França de Carvalho
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE

SUMÁRIO

PREFÁCIO | 7

APRESENTAÇÃO | 9

AGRADECIMENTOS | 13

Introdução | 15

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO | 27

UMA JORNADA DE DESCOBERTAS | 43

ATRAVÉS DAS LENTES | 55

FOTOGRAFIA COMO AGENTE DE MUDANÇAS | 129

NOVOS OLHARES, NOVOS FUTUROS | 137

REFERÊNCIAS | 141

SOBRE A ORGANIZADORA | 143

SOBRE O AUTOR | 145



PREFÁCIO

O livro Olhares do *Geoparque*: *fotografia e empoderamento em Caçapava do Sul* é muito mais que um relato sobre os resultados de uma ação de extensão, um convite à transformação do olhar, da percepção e da relação com o território de Caçapava do Sul. Nascido no contexto do Programa Progredir Geoparque, esse projeto educativo e artístico integra inclusão digital, empoderamento comunitário e valorização cultural por meio da linguagem da fotografia.

Ao longo da obra, o leitor é conduzido por uma jornada de aprendizado e descoberta que revela a potência do Geoparque Caçapava Mundial da UNESCO como cenário, inspiração e protagonismo. Pelas lentes dos participantes do curso, esse território, com sua geodiversidade, sua memória e sua gente, se mostra em novas camadas, vistas por olhares sensíveis e plurais da população caçapavana, assim como de estudantes que participaram do curso.

O curso Olhares do Geoparque mobilizou saberes

técnicos, criatividade e escuta ativa em uma formação acessível, crítica e afetiva. Utilizando o *smartphone* como ferramenta democrática de expressão, os alunos aprenderam a contar histórias com a luz, construir narrativas visuais e reinterpretar o espaço que habitam. As saídas fotográficas, as oficinas de curadoria e os projetos autorais consolidaram uma experiência pedagógica centrada no protagonismo, na coletividade e na transformação social.

Cada capítulo traduz dimensões distintas dessa vivência: da técnica à subjetividade, da imagem ao pertencimento, da representação à ação comunitária. As imagens e os relatos reunidos aqui não são apenas produtos finais de um curso, mas testemunhos vivos de um processo de formação humana e territorial que respeita e ressignifica saberes locais, amplia repertórios e constrói futuros possíveis.

Olhares do Geoparque é, portanto, uma obra que articula arte, educação e cidadania. É um marco na trajetória de Caçapava do Sul como território educativo, criativo e sustentável, reafirmando que todo lugar é composto por histórias extraordinárias, basta disposição para enxergá-las com intenção, cuidado e encantamento. Bons olhares!

Jaciele Carine Vidor Sell
Pró-Reitora Adjunta de Extensão

APRESENTAÇÃO

As políticas públicas voltadas à qualificação profissional, especialmente para quem vive em situação de vulnerabilidade social, ainda deixam muito a desejar em termos de alcance e efetividade no Brasil. O programa Progredir Geoparque Caçapava surgiu justamente como uma resposta a essa realidade, inspirado pela experiência bem-sucedida do Geoparque Quarta Colônia entre 2022 e 2023, uma iniciativa que transformou a vida das pessoas, gerando oportunidades de trabalho, emprego e renda nos nove municípios onde foi implementado.

Com base em resultados primorosos, no final de 2023, os gestores de Caçapava do Sul buscaram apoio em Brasília para criar uma formação profissional mais concisa e de qualidade voltada às necessidades do município: profissionais preparados para atuar no turismo ligado aos geossítios. Tudo isso tem como pano de fundo o reconhecimento do território como Geoparque Mundial da UNESCO.

Esse é um lugar especial que vem chamando a atenção do mundo todo e, por isso, precisa estar pronto para bem receber quem vem conhecer suas belezas naturais, históricas e culturais. Mas não basta acolher, é também importante que cada morador(a) se veja como parte fundamental da preservação desse patrimônio único, valorizando ainda mais a história, a cultura, a natureza e as raízes locais.

Esse projeto de extensão, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foi pensado a partir das demandas do território. É considerado inovador, tanto pela sua proposta de ensino quanto pela articulação entre o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, a Prefeitura de Caçapava do Sul, a Secretaria de Desenvolvimento Social e do Trabalho e os CRAS (Centros de Referência de Assistência Social) Floresta e Bairro Sul do município.

A formação desenvolvida pelo Progredir foi construída de forma colaborativa, considerando os recursos disponíveis e buscando integrar diferentes saberes e parcerias. O objetivo foi levar conhecimento e prática para o maior número possível de pessoas inscritas no CadÚnico, com temas como culinária, bioma, ecoturismo, história, tradições e ancestralidade local. Ao longo dos oito cursos realizados no território, muitas transformações começaram a acontecer, como as contadas a seguir.

O curso Olhares do Geoparque: fotografia e empoderamento em Caçapava do Sul, conduzido pelo professor Renan Binda, foi muito além de ensinar uma profissão: despertou em cada participante um novo olhar, mais atento e consciente sobre si, sobre o outro e sobre o lugar onde vivem. Cada um passou a se enxergar como parte

importante na preservação dos bens culturais e naturais do território, compreendendo a dimensão e o valor histórico e geológico desses patrimônios reconhecidos pela UNESCO.

Você, ao ler este livro, poderá sentir, através de cada página, a beleza dos olhares atentos e sensíveis dessas pessoas que vivem e acolhem em um lugar que é, hoje, patrimônio de toda a humanidade.

Angelita Zimmermann
Técnica responsável – Progredir Geoparque UFSM



AGRADECIMENTOS

Este projeto não teria sido possível sem o envolvimento comprometido e sensível de muitas pessoas e instituições que acreditaram na transformação através da educação, arte e da coletividade.

Agradeço, primeiramente, aos participantes do curso "Olhares do Geoparque", que confiaram no processo, se entregaram à experiência e revelaram, através de seus olhares, novas maneiras de ver e sentir a essência de Caçapava do Sul. Suas imagens e narrativas compõem o propósito deste projeto — são testemunhos de sensibilidade e pertencimento.

Ao Programa Progredir, pela aposta na educação como caminho de inclusão, e à Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul e ao CRAS Floresta, pelo apoio institucional e logístico, fundamentais para a realização do curso.

À equipe técnica envolvida no planejamento e acompanhamento das saídas a campo, pelo cuidado com cada detalhe e pela coletividade.

Ao Geoparque Caçapava UNESCO, cuja riqueza natural, histórica e cultural inspirou tantas imagens e possibilitou

a imersão em um território que pulsa memórias, formas e sentidos.

Agradeço também às famílias, amigos e apoiadores que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse percurso formativo fosse afetivo e transformador.

E, por fim, agradeço à fotografia — essa linguagem silenciosa que escuta, revela e conecta. Que ela continue sendo ponte entre mundos, espelho de nós mesmos e instrumento para desenhar futuros - sensíveis e humanos.

Introdução

Caçapava do Sul, reconhecida oficialmente como a "Capital Gaúcha da Geodiversidade" (Lei nº 14.708/2015), destaca-se por sua combinação singular de patrimônio geológico, geomorfológico e cultural. Localizada na Região Centro-Sul do Rio Grande do Sul, a cidade abriga uma riqueza natural e simbólica que a torna única no cenário brasileiro e latino-americano. Em meio a rochas milenares, fósseis pré-históricos e espécies vegetais raras, desponta um território vivo, atravessado por saberes ancestrais e práticas comunitárias que se entrelaçam com a natureza e a história.

É nesse cenário que nasce o Geoparque Caçapava Mundial da UNESCO, reconhecido oficialmente em 2023. Resultado de mais de uma década de trabalho coletivo envolvendo a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e a Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, o reconhecimento anunciado na 216ª sessão do Conselho Executivo da UNESCO, em Paris, consagrou o valor científico e sociocultural do território. Mais do que uma chancela internacional, foi o reconhecimento

de um compromisso com o desenvolvimento sustentável, a valorização da cultura local e a educação transformadora.

Com um enorme potencial para o geoturismo[1], o território exige iniciativas que integrem qualificação de artesãos, produtores locais e agentes culturais, promovendo os saberes da terra, os produtos regionais, os modos de vida tradicionais e a hospitalidade caçapavana. Nesse contexto, a geoeducação surge como uma poderosa ferramenta de sustentabilidade — ambiental, social e econômica — pois reconhece e valoriza os saberes locais, promovendo ações que ultrapassam os limites da sala de aula: sensibilizam, mobilizam e convocam a comunidade à (co)responsabilidade pelo cuidado com seu patrimônio natural e cultural.

É nesse cruzamento entre conhecimento acadêmico e saber tradicional que o Progredir Geoparque Caçapava atua como catalisador do desenvolvimento humano e social. Por meio da oferta de cursos de qualificação profissional voltados às realidades locais, o programa fortalece competências, amplia possibilidades de geração de renda e ressignifica o vínculo dos participantes com o território. Valorizar a geodiversidade é, também, valorizar a diversidade de pessoas, histórias e olhares tornam esse lugar único.

A formação exigida por um Geoparque vai além das habilidades técnicas: requer sensibilidade, consciência crítica e engajamento social. Mais do que tudo, exige reconhecer que cada pessoa é guardiã de um patrimônio comum e que, ao formar novos olhares, formam-se também

[1]Como afirma Brum (2022, p. 25), "[...] Em meio a esta riqueza geológica, se encontram depósitos quaternários de ambiente fluvial e planície de inundação, com ocorrência de fósseis da família Megatheriidae (preguiças terrícolas, ou preguiças-gigantes)." A biodiversidade natural, descrita pela autora, atenta para o bioma, "[...] uma variedade de habitats e ecossistemas, com uma substancial diversidade de cactáceas, incluindo a presença de várias espécies raras e endêmicas (...), como as flores Petunia Secreta e a Pavonia Secreta" (Brum, 2022, p. 25).

novos futuros, mais justos, conscientes e enraizados no lugar onde se vive.

O curso Olhares do Geoparque, inserido nessa lógica formativa, é exemplo de como uma proposta educativa pode articular inclusão, linguagem, memória e futuro. A fotografia, ao ser utilizada como instrumento de expressão e documentação, tornou-se parte da estratégia de valorização do território e da construção de novos horizontes para seus moradores. Por meio das lentes, os participantes não apenas registraram paisagens e símbolos locais, mas também reconstruíram seus vínculos com o espaço, consigo e com sua comunidade.

Este livro é um relato sobre como a fotografia pode ser mais do que técnica ou arte: ela é uma ferramenta de inclusão digital, empoderamento social e transformação de realidades. Por meio da minha experiência como professor do curso Olhares do Geoparque: explorando a essência visual de Caçapava, compartilho histórias, desafios e conquistas de um projeto que uniu educação, tecnologia e identidade territorial para revelar novos horizontes estéticos, imagéticos e sociais aos moradores de Caçapava do Sul.

Aqui, você encontrará um registro pedagógico e um testemunho de como a fotografia pode abrir portas para a autoexpressão, o empreendedorismo e a valorização do patrimônio cultural. Este é um livro sobre ver o mundo de outra maneira e, ao fazer isso, transformá-lo — um testemunho do que pode acontecer quando educação, imagem e pertencimento se encontram no tempo oportuno, com as pessoas certas e no lugar onde tudo faz sentido.

O PROGRAMA PROGREDIR

No âmbito federal, o Programa Progredir é uma política social que visa promover a dignidade das pessoas em vulnerabilidade social, cujo propósito é "gerar emprego, renda e promover a construção da autonomia das pessoas inscritas no Cadastro Único[2] para Programas Sociais do Governo Federal" (Brasil, 2024). Seu desenvolvimento em Caçapava do Sul foi viabilizado por meio de um termo aditivo ao Plano de Trabalho já existente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PRE), a Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul e o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS).

A UFSM tem sua história consolidada em uma conexão contínua com a comunidade externa, sempre comprometida com a tríade ensino, pesquisa e extensão em sua missão institucional. Neste contexto formativo/educacional, a Pró-Reitoria de Extensão (PRE/UFSM) tem buscado alavancar parcerias, por meio do fomento de editais que envolvem docentes, técnicos-administrativos, estudantes, gestores públicos e demais interessados externos na busca por alternativas de sustentabilidade ambiental e socioeconômica para as comunidades envolvidas.

O Programa Progredir, implementado como um projeto inovador de extensão denominado "Qualificação profissional e atividades empreendedoras de cultura e turismo no Geoparque Quarta Colônia", se desenvolveu na Quarta Colônia (2022–2023) em uma edição exitosa que inspirou

[2] Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) é um instrumento de coleta de dados para identificar famílias de baixa renda (até meio salário mínimo por pessoa ou renda de até três salários mínimos por família) para fins de inclusão em programas sociais (Brasil, 2001).

outros projetos sob a égide da formação/qualificação profissional de pessoas inscritas no CadÚnico na Região Central do Rio Grande do Sul. Daí, adveio esse recurso federal extra para ser implementado nos mesmos moldes de atividades e cursos de curta duração em Caçapava do Sul, com contrapartida municipal na forma de infraestrutura e materiais para que as atividades de qualificação profissional sejam efetivadas e atinjam o maior número de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Após ser contemplado com esse aditivo, o Progredir, em sua Meta 8, se constitui como Qualificação III: Progredir Geoparque Caçapava. O projeto tem como objetivo ofertar cursos de qualificação profissional relacionados à cultura e ao turismo do território para 160 pessoas, com prioridade às mulheres que não estudam e nem trabalham, inscritas no Cadastro Único do município. Foram credenciados, por meio de seleção pública, oito cursos de até 52 horas.

O Programa recebeu recurso financeiro federal do MDS, no valor de R$ 245.888,90 e tinha, como previsão, o desenvolvimento de cursos de curta duração, em um total de 416 horas a serem realizados entre 2024 e 2025. Tal recurso, conforme descrito no Plano de Trabalho (Aditivo TED 2/2019 – SENISP/Meta 8), se destina à compra de equipamentos (material permanente), ao pagamento de bolsas-formação e de serviços de pessoas físicas e jurídicas, bem como a diárias nacionais.

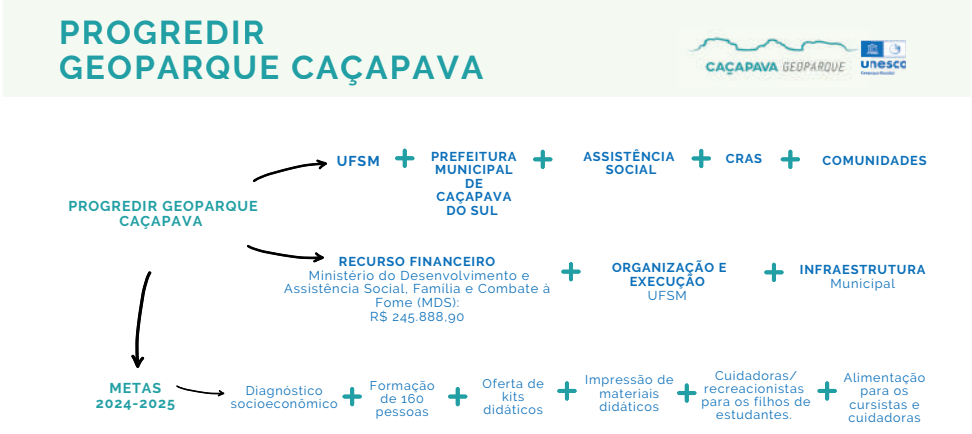
Entre a rede de instituições envolvidas no projeto, a principal parceira no município é a Secretaria de Desenvolvimento Social e do Trabalho. Essa colaboração se dá por meio dos CRAS, que desempenham um trabalho importante na busca ativa do público-alvo, disponibilização

da infraestrutura e organização dos espaços adequados aos cursos. Além disso, os CRAS auxiliam na aquisição de material, distribuição dos lanches e logística de transporte, quando solicitado.

A realização dos cursos envolve diversas pessoas e entidades, públicas e privadas, como instrutores e proponentes, estudantes, tutores de educação e comunicação, cuidadoras de crianças que atendem filhos e filhas de cursistas, equipes de trabalho da UFSM e de ambos os CRAS de Caçapava do Sul, além de fornecedores de lanches e materiais didáticos e outros membros da comunidade externa e interna da UFSM. Desse modo, há uma estrutura organizacional, pedagógica e administrativa, a ser planejada e implementada de forma contínua para que o objetivo do programa seja alcançado de forma dialógica e colaborativa.

Esses agentes sociais que trabalham em rede por um objetivo comum estão interconectados às metas do programa, conforme demonstrado a seguir:

Figura 1 – Metas do Progredir Geoparque Caçapava.



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Para definição dos cursos a serem ofertados, foi realizado um diagnóstico para identificar quais demandas de qualificação profissional seriam fundamentais para Caçapava do Sul. Assim, os cursos ofertados são resultado de uma análise das necessidades observadas pelos representantes dos CRAS e da Prefeitura Municipal e estão vinculados ao desenvolvimento de atividades relacionadas aos arranjos produtivos locais de cultura e turismo, em sintonia com o Caçapava Geoparque Mundial da UNESCO.

As principais temáticas apontadas pela comunidade — e que serviram de base para que os proponentes/instrutores submetessem propostas ao Edital de Credenciamento de cursos — foram:

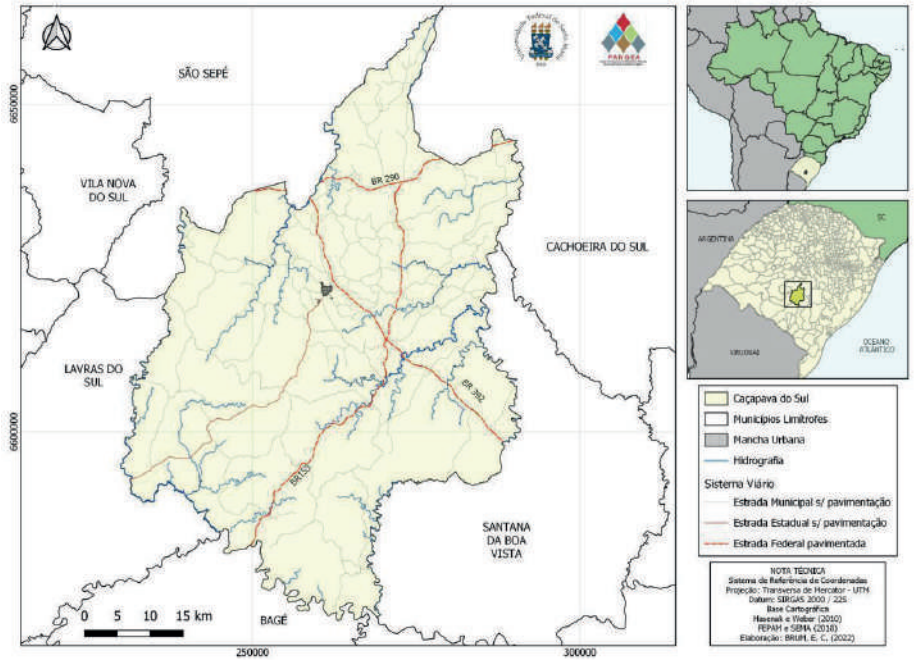
- Cultura e turismo no Geoparque Caçapava (domínio comum);
- Comunicação e línguas (fotografias, Libras, espanhol e inglês);
- Informática (conhecimentos básicos);
- Turismo, hospedagem e hotelaria (atendimento ao público e gestão);
- Costura, artesanato e produtos locais;
- Gastronomia (atendente, auxiliar de cozinha, chapista; elaboração de compotas e divulgação e uso de frutas nativas e chás);
- Serviços gerais (eletricista, marceneiro e serviços de manutenção, limpeza e pintura de ambientes,);
- Recreação infantil.

Desde agosto de 2024 até o momento, foram implementados seis desses cursos, com a participação de 157 inscritos e um total de 97 certificados emitidos pela UFSM.

A FORMAÇÃO REQUERIDA PELO GEOPARQUE CAÇAPAVA MUNDIAL DA UNESCO

Com uma extensão territorial de mais de 3 mil km², Caçapava do Sul localiza-se no coração da Mesorregião Sudeste Sul-Rio-Grandense, a pouco mais de 250 km de Porto Alegre e a cerca de 200 km da fronteira com o Uruguai. Seus limites geográficos abraçam cidades como São Sepé, Cachoeira do Sul, Lavras do Sul, Santana da Boa Vista, Bagé e Pinheiro Machado, como mostra a Figura 2. No entanto, é no entrelaçamento entre natureza, cultura e história que encontra seu maior diferencial.

Figura 2 – Mapa de localização do município de Caçapava do Sul.



Fonte: Eduarda Caroline Brum (2022).

O município se destaca por sua paisagem geológica, seu patrimônio natural e sua herança multicultural. Os 22 geossítios reconhecidos pela UNESCO guardam formações

geológicas milenares e biodiversidade única, além de vestígios da presença ancestral de povos originários e quilombolas. Há, ainda, a diversidade de povos e culturas, que inclui os povos indígenas Charruas, comunidades quilombolas reconhecidas e uma série de práticas culturais ligadas à agricultura, pecuária e produção artesanal. Em cada trilha, rocha, mina ou elevação, pulsa um território carregado de memória, ciência e identidade.

Apesar dessa riqueza, os dados sociais revelam importantes desafios. Segundo o Censo 2022, Caçapava do Sul possui uma população de 32.515 habitantes, com 75% residindo em áreas urbanas. A densidade demográfica é de apenas 10,67 habitantes por km² e o índice de ocupação em 2021 indicava que menos de 20% da população estava inserida formalmente no mercado de trabalho. O salário médio era de aproximadamente 2,2 salários mínimos, o que deixou o município na 254ª posição socioeconômica entre os 497 municípios do estado.

Esse cenário evidencia uma lacuna estrutural entre potencial econômico e acesso à qualificação profissional. A geração de trabalho e renda presente nas atividades ligadas à agropecuária, à mineração e ao turismo não vem sendo suprida de forma efetiva pelas modalidades formais e informais de educação, como demonstram os dados do índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e os indicadores de escolarização dos últimos anos.

É nesse contexto que o programa Progredir em Caçapava do Sul se justifica e se fortalece como estratégia de desenvolvimento territorial e inclusão produtiva. Por meio de cursos de qualificação profissional, planejados em diálogo com os desafios e vocações locais, o programa atua para ampliar oportunidades, fortalecer identidades e construir trajetórias

formativas que dialoguem com a realidade de cada pessoa e comunidade.

Além da inserção no mercado de trabalho, o programa busca também o reconhecimento da geodiversidade como valor econômico, educativo, cultural e simbólico, tornando cada habitante de Caçapava do Sul um agente ativo na preservação e uso consciente dos recursos naturais e culturais do território. A presença dos biomas Pampa e Mata Atlântica em seu território, a diversidade de espécies endêmicas, a memória viva das comunidades quilombolas e indígenas, os vestígios de ocupação histórica e as manifestações culturais populares formam um patrimônio imaterial que precisa ser cultivado, compreendido e (re) valorizado.

Por isso, o Progredir assume a missão de conectar formação profissional com pertencimento cultural, buscando possibilitar que os participantes reconheçam seu papel na preservação dos bens comuns, na promoção do turismo consciente e na valorização dos saberes locais. Experiências como o curso Olhares do Geoparque demonstram que essa proposta tem como objetivo transformar olhares, criar novos horizontes e mobilizar a comunidade para a construção de futuros mais sustentáveis e inclusivos.

O território de Caçapava do Sul oferece um potencial imenso para a integração entre educação e preservação. A presença ativa da população nas ações de educação e valorização patrimonial é o que transforma um geoparque em um espaço vivo de aprendizado e inovação social. Quando alguém se reconhece como parte da paisagem, guardião de uma história e protagonista de seu próprio desenvolvimento, nasce uma aliança entre conhecimento,

identidade e futuro. Assim, cada curso do Progredir é um convite para que os moradores se tornem agentes sociais comprometidos com a preservação, a criatividade e a transformação de Caçapava do Sul, pois além de ser um espaço de qualificação, contribui para a geração de trabalho e renda de forma integrada, sensível e sustentável.



A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO

UM CURSO ALÉM DA TÉCNICA

O curso Olhares do Geoparque nasceu com um propósito muito claro: capacitar pessoas de Caçapava do Sul em situação de vulnerabilidade socioeconômica, utilizando a fotografia como ferramenta de inclusão social, valorização cultural e fortalecimento da autoestima. O objetivo formativo era estimular o pensamento fotográfico, aplicar técnicas de fotografia e usar equipamentos, incluindo *smartphones,* de modo a desenvolver habilidades para ingressar no mercado de trabalho na área da fotografia ou explorar oportunidades empreendedoras relacionadas ao turismo e à cultura local.

A jornada de aprendizagem foi dividida nas seguintes temáticas: capacitação em fotografia; inclusão produtiva e socioeconômica; exploração do potencial do Caçapava

Geoparque; empoderamento digital; e estímulo ao turismo local. A turma contou com 28 pessoas matriculadas, das quais 14 concluíram o curso. Foram desenvolvidos oito projetos fotográficos autorais que expressam o valor simbólico, artístico e cultural dos geossítios do território, bem como o fortalecimento da identidade local e de vínculos com a comunidade e a formação de uma consciência coletiva.

A escolha do *smartphone* como ferramenta de produção de imagens foi, além de uma decisão pragmática, uma declaração metodológica e política: democratizar o acesso ao fazer fotográfico. No contexto atual de consumo de imagens, em que a passividade predomina e a tecnologia costuma reforçar desigualdades, o curso propôs uma inversão de lógica: transformar o aparelho que antes era usado apenas para comunicação e entretenimento em uma ferramenta de expressão, criação e geração de renda. Essa mudança de perspectiva teve impacto direto na forma como os participantes passaram a se relacionar com a tecnologia e com a própria realidade.

As primeiras aulas foram de introdução ao universo fotográfico, incluindo o posicionamento correto das mãos para evitar tremores, o uso do foco manual, o controle da luz disponível e a compreensão da composição fotográfica. Contudo, à medida que o curso avançava, a abordagem foi se aprofundando em aspectos mais subjetivos e conceituais da prática fotográfica, como a compreensão do que é inteligência visual, imagem e imaginação.

O conceito de inteligência visual foi trabalhado como a capacidade de perceber, interpretar e reorganizar elementos visuais de forma consciente. Mais do que simplesmente capturar o que os olhos veem, a inteligência visual envolve a

leitura tanto das formas, cores e texturas quanto dos significados contidos nas práticas culturais locais.

Exercícios práticos propunham, por exemplo, que os participantes fotografassem o mesmo objeto de diferentes ângulos e condições de luz, buscando perceber como pequenas alterações de ponto de vista ou enquadramento poderiam gerar significados completamente distintos. Elementos como formações rochosas do Geoparque, coxilhas, construções históricas, trajes típicos, manifestações tradicionalistas, rodas de chimarrão, cavalgadas e festividades populares vistas como cenários passaram a ser fontes de narrativas visuais que expressam a identidade da cultura gaúcha.

Entre as atividades desenvolvidas, tivemos saídas fotográficas estratégicas: na Igreja Matriz, onde os alunos trabalharam enquadramento e perspectiva; na Chácara do Forte, onde focaram em paisagens e profundidade de campo; no Santuário Piraju, onde exploraram a relação entre natureza e monumentos; e durante um *city tour*, no qual criaram narrativas visuais com contexto histórico. Essas experiências, somadas a oficinas de edição, curadoria e *feedback* individualizado, resultaram em mais de 500 imagens com grande potencial narrativo que capturam a essência do território caçapavano.

Essa leitura sensível do espaço e das relações sociais locais exigiu dos alunos a capacidade de reconhecer os signos culturais presentes nas cenas cotidianas, entendendo a cultura além das grandes manifestações folclóricas, bem como nos detalhes invisíveis do dia a dia. Ao explorar esses elementos, os alunos passaram a reconhecer que o olhar fotográfico é construído e treinável, exigindo atenção, curiosidade e sensibilidade.

Outro aspecto das discussões foi a compreensão da imagem enquanto construção de sentido e representação da realidade. Foi importante trabalhar com os participantes a ideia de que toda fotografia é uma escolha — uma interpretação do mundo —, e que por trás de cada clique há decisões conscientes, intencionais e carregadas de propósito sobre o que incluir e o que excluir, como organizar os elementos visuais e qual narrativa se pretende transmitir.

Os alunos foram convidados a pensar sobre o papel das imagens na formação de imaginários sociais e na produção de discursos sobre lugares, pessoas e identidades. Ao refletirem sobre o conceito de imagem, os participantes passaram a compreender que a cultura gaúcha é, também, um conjunto de representações visuais construídas ao longo do tempo.

O curso também proporcionou debates sobre como as pessoas gaúchas são retratadas na mídia, quais os estereótipos mais comuns e de que forma as novas gerações podem produzir imagens que ampliem, atualizem e diversifiquem as narrativas visuais sobre o Rio Grande do Sul. Ao fotografarem suas próprias comunidades, os participantes passaram a criar contranarrativas visuais que rompem com imagens estigmatizadas para apresentar um olhar mais autêntico, plural e crítico sobre o que significa ser caçapavano e o que Caçapava significa hoje, especialmente no contexto de Geoparque Mundial.

A dimensão da imaginação foi explorada como a capacidade de projetar, criar e reinventar o mundo por meio da fotografia. Os participantes foram incentivados a usar a câmera do *smartphone* para registrar o que viam e para experimentar novas formas de olhar e de narrar visualmente

suas vivências. Por meio da experimentação fotográfica, eles puderam reinterpretar os símbolos locais, criando imagens que misturavam tradição e contemporaneidade — desafiando os limites entre o que é "patrimônio" e o que é "cotidiano".

Exercícios como fotografar o Geoparque Caçapava a partir de emoções pessoais ou recriar cenas que dialogassem com temas como pertencimento, resistência e identidade ajudaram os participantes a produzir um novo repertório visual sobre Caçapava do Sul. A fotografia se tornou, assim, um campo fértil para imaginar e representar a pessoa caçapavana do presente, que carrega heranças históricas, mas também carrega novos desejos, vozes e formas de existir. Essa abordagem estimulou a percepção de que a fotografia pode ser tanto um ato de documentação quanto de invenção, funcionando como uma extensão do pensamento e da emoção.

Aprender sobre composição significava aplicar regras formais de enquadramento, como a regra dos terços ou o uso de linhas guia. Para ir além, era preciso reorganizar o olhar, explorar percepções e múltiplas formas de representação do cotidiano. Cada exercício fotográfico tornava-se uma oportunidade de descoberta de novas narrativas e formas de enxergar os próprios territórios e trajetórias de vida.

Os participantes começaram a perceber que lugares antes considerados comuns ou sem valor visual, como ruas do bairro, praças e espaços públicos locais, podiam ser retratados de formas surpreendentes, revelando belezas invisíveis aos olhos acostumados com a rotina. Essa transformação de olhar reflete, também, uma transformação interna, promovendo autoestima, senso de pertencimento e uma nova relação com o espaço público e comunitário.

A fotografia, nesse contexto, ultrapassou o campo da técnica para se tornar um exercício de empoderamento e representação social. Ao documentar o entorno, os participantes também reivindicaram o direito de contar suas próprias histórias e ocupar simbolicamente os espaços de visibilidade social. O compartilhamento das imagens, tanto nas redes sociais quanto em exposições comunitárias, consolidou esse processo, gerando diálogos, reconhecimento e novas possibilidades de atuação profissional.

Além da qualidade e beleza de cada projeto desenvolvido pelos estudantes — impregnados de consciência cidadã e corresponsabilização pelo patrimônio cultural e natural de lugares singulares do território —, eles participaram de eventos importantes na comunidade, dentre os quais: exposições, celebração do aniversário de dois anos de certificação do Geoparque Caçapava e exposição na Casa de Cultura Juarez Teixeira.

O PODER DA FOTOGRAFIA NO GEOPARQUE

A fotografia nunca foi apenas sobre apertar um botão. Desde seus primórdios no século XIX, quando Joseph Nicéphore Niépce capturou a primeira imagem permanente em 1826, ela se revelou uma linguagem universal, uma forma de escrever com a luz para contar histórias, preservar identidades e realizar transformações.

O ato de ver é mediado por nossa bagagem cultural, social e emocional; não olhamos de forma neutra ou passiva. O que enxergamos é condicionado por aquilo que já sabemos, percebemos ou estamos preparados para perceber. Porém, na fotografia, o olhar é construído. Quando alguém se propõe a

fotografar, passa a desenvolver uma nova percepção: aprende a distinguir entre o simples olhar e o verdadeiro ato de "ver".

Desenvolvemos uma inteligência visual que nos permite observar, perceber, descobrir, compreender e reconhecer o mundo à nossa volta. Ao nos colocarmos na captura de imagens, abrimos caminho para uma nova perspectiva sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. O poder da fotografia, então, está na capacidade de transcender o mero registro visual para atuar como um catalisador de empoderamento e autoconfiança daqueles que se arriscam a manipulá-la.

No Geoparque Caçapava, essa linguagem ganhou um novo significado: tornou-se uma ferramenta de inclusão social, empoderamento e de protagonismo na reinvenção de futuros e na construção de visualidades. A invenção que mudou o mundo, agora é uma linguagem que toca a alma dos habitantes de Caçapava do Sul.

À parte das belezas naturais e elementos históricos, o verdadeiro impacto estava nos detalhes invisíveis. Ao fotografarem sua própria terra, os participantes passaram a enxergá-la de outra forma. A fotografia, nesse sentido, foi uma ferramenta de reapropriação do território que permitiu que cada aluno reconstruísse seu vínculo afetivo com o lugar, ressignificando espaços antes naturalizados pela rotina e reconhecendo o valor histórico, cultural e simbólico dos cenários que compõem seu cotidiano.

O ato de fotografar tornou-se um processo de afirmação: uma maneira de dizer ao mundo e a si mesmos que aquele território também lhes pertence, que suas vivências e olhares são legítimos e que suas histórias têm direito à visibilidade. Além disso, ajudou a fazer emergir o

potencial criativo dos participantes. Do consumo passivo em redes sociais à produção ativa de imagens sobre seu contexto, uma revolução silenciosa foi iniciada revelando estéticas, técnicas e saberes antes desconhecidos.

O território do Geoparque Caçapava foi tanto cenário quanto coautor das narrativas. Cada saída fotográfica era uma lição sobre identidade e pertencimento. Na Igreja Matriz, os alunos exploraram enquadramentos que revelaram a arquitetura que a caracteriza enquanto estilo artístico, como também as camadas de fé e memória da comunidade. Na Chácara do Forte, a profundidade das paisagens ensinou que cada elemento, das rochas aos morros ao fundo, tem seu lugar na imagem, assim como na história da cidade.

Ao ensinar técnicas de composição, iluminação e edição em *smartphones*, o curso transpôs barreiras tecnológicas e sociais. Ao usar uma câmera, seja ela profissional ou de um *smartphone*, desbravamos um leque de oportunidades para a expressão autêntica, o desenvolvimento da criatividade e a valorização intrínseca da identidade cultural.

Ao aprender a fotografar, expandimos o repertório visual e simbólico. Isso significa que quem fotografa passa a ser capaz de ver e procurar aspectos da realidade que antes lhe eram invisíveis. Esse processo de aprendizado, manipulação da imagem e escolha de enquadramento é também um processo de autoconhecimento e de reconhecimento do outro. Ou seja, a fotografia amplia a nossa capacidade de ver o mundo e a nós mesmos, ao mesmo tempo em que nos ensina a procurar novos significados nas imagens e experiências.

Alguns cursistas jamais haviam imaginado que seus celulares — objetos cotidianos usados principalmente para comunicação — poderiam se tornar ferramenta de registro

histórico, capazes de captar as belezas locais e até mesmo ter um potencial profissional. Conforme aprendiam a ajustar o foco manualmente ou usar a regra dos terços, surgia um misto de surpresa e orgulho. "Isso muda tudo", ouvia dos alunos ao descobrirem que podiam controlar a exposição da imagem deslizando o dedo na tela.

Vivemos imersos em um universo de imagens: antes elas eram ferramentas que utilizávamos para representar, interagir e compreender o mundo, atualmente somos absorvidos por elas, consumindo-as em busca de uma representação de nós mesmos. Isso nos leva à reflexão sobre os limites e as possibilidades da nossa percepção. Os horizontes dos nossos pontos de vista são condicionados por uma cultura de consumo de imagens, em que muitas vezes nosso olhar é moldado por padrões estéticos impostos, reforçados pela mídia e pelas redes sociais.

Se antes as imagens nos ajudavam a compreender o mundo, hoje nossa percepção é guiada pelas imagens que nos são oferecidas em excesso, criando um ciclo em que o que procuramos ver está limitado por aquilo que já consumimos visualmente. Por isso, a fotografia ainda é um ato consciente de ruptura — um exercício de olhar consciente. Através das lentes, podemos explorar, observar e interpretar a realidade de maneira singular e pessoal. Essa exploração visual se transforma em uma jornada interna de autodescoberta e autoafirmação. Ao capturarem imagens que ressoam nossas próprias experiências e emoções, somos capazes de construir uma narrativa visual que valida vozes e perspectivas singulares.

A fotografia, nesse contexto, se torna uma ferramenta para desafiar estereótipos e preconceitos. Ao documentar

pessoas e comunidades, oferecemos uma visão autêntica e multifacetada que contrasta com as representações muitas vezes simplistas ou distorcidas encontradas na mídia tradicional. Essa representatividade é fundamental para fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento, tanto individualmente quanto coletivamente.

Além disso, o processo de compartilhar as fotografias, seja através de exposições, redes sociais ou outras plataformas, contribui para a construção de um diálogo mais amplo e inclusivo. As imagens se tornam um ponto de partida para conversas profundas sobre identidade, cultura, desafios e conquistas, isso permite que uma multiplicidade de vozes seja ouvida e valorizada.

Quanto mais desenvolvemos nossa inteligência visual, mais expandimos o universo do que somos capazes de procurar, perceber e representar. Nesse processo, transformamos nosso olhar e influenciamos a forma como o mundo nos vê. Assim, a prática fotográfica é um exercício constante de reconhecimento, escolha e transformação social através da imagem.

Ao longo do curso, os participantes desenvolveram habilidades técnicas e criativas que fortaleceram a autoestima e a expansão da autoconfiança. A capacidade de criar, expressar-se visualmente e ver seu trabalho reconhecido e apreciado foi capaz de gerar um senso de orgulho e realização que podem ser refletidos em outras áreas de suas vidas. O empoderamento adquirido através da fotografia se torna um catalisador para outras transformações pessoais e sociais, o que incentiva os participantes a buscar seus sonhos, defender seus direitos e construir um futuro no qual atuem como protagonistas.

INCLUSÃO DIGITAL E EMPODERAMENTO SOCIAL

No contexto do curso Olhares do Geoparque, a inclusão digital e o empoderamento social tornaram-se eixos estruturantes da metodologia e da filosofia de trabalho adotadas. Essa abordagem busca conscientizar os participantes sobre a relação direta entre exclusão tecnológica e invisibilidade social, especialmente em regiões de menor acesso a políticas públicas de qualificação e inclusão.

Com o desenvolvimento da tecnologia e a popularização dos *smartphones*, a fotografia digital tornou-se uma linguagem acessível e democrática. No entanto, o simples acesso aos dispositivos não garante inclusão real. Por isso, o curso foi além do conhecimento técnico, buscando capacitar os participantes a usar tecnologias digitais de forma consciente, criativa e crítica.

No cenário do Geoparque Caçapava Mundial, a inclusão digital adquire uma relevância ainda maior. A questão vai além de fazer registros visuais: trata-se de fortalecer a capacidade das comunidades locais de produzir, interpretar e compartilhar suas próprias narrativas visuais e criar novas formas de diálogo com o mundo. A fotografia, mediada por tecnologias acessíveis, tornou-se um veículo de expressão, identidade e pertencimento.

O empoderamento no curso assumiu diferentes dimensões. Uma delas foi a construção da autoconfiança individual. Ao dominar o uso da câmera do celular, compreender os princípios de composição e aprender a editar e compartilhar suas imagens, os participantes passaram a se reconhecer como produtores de conteúdo e agentes criativos em seus próprios contextos.

Essa conquista foi particularmente significativa para os

participantes sem muito contato com a tecnologia, incluindo a falta de familiaridade com os recursos dos *smartphones*. Muitos vivenciaram pela primeira vez o reconhecimento público de suas produções, seja em exposições físicas, seja em postagens nas redes sociais. Ver suas imagens expostas e valorizadas foi um passo simbólico e afetivo na superação da invisibilidade social.

Outro aspecto relevante foi a apropriação gradual de uma série de competências digitais fundamentais, como o uso de aplicativos de edição, o armazenamento, a organização de arquivos e a publicação de conteúdos em plataformas digitais. Isso foi além da formação técnica em fotografia e abriu caminho para a inclusão digital, ampliando as possibilidades de outros usos do *smartphone* e participação em outras atividades.

A proposta metodológica centrada na criação de um ambiente colaborativo de aprendizagem — em que o compartilhamento de experiências e saberes locais foi valorizado tanto quanto o aprendizado técnico — favoreceu a construção de uma comunidade de prática. Surgiu, então, um coletivo de fotografia que favoreceu a troca de conhecimentos e a aprendizagem prática, além do fortalecimento do vínculo entre os participantes.

Outro resultado visível do curso foi a emergência de novas vozes narrativas sobre o território do Geoparque Caçapava. Por meio da fotografia, os participantes passaram a documentar suas vivências, lugares de afeto e aspectos invisibilizados de sua cultura local. Essa produção de imagens, ao ser compartilhada em exposições comunitárias e redes sociais, provocou um diálogo mais amplo com a comunidade. Como foi o caso da Capelinha do Bonfim, por exemplo, que ampliou a visibilidade das comunidades de fé e a valorização cultural local.

Michellyne Melo, participante ativa do curso e coautora de dois projetos fotográficos, descreve sua trajetória como um verdadeiro despertar para os detalhes. Seu relato traduz o que foi aprendido: "me forçou a observar diversas possibilidades que se tem de contar o momento com a fotografia". Ao sair do padrão e se permitir explorar outros ângulos e composições, Michellyne descobriu outra forma de olhar sua cidade — mais sensível, questionadora e poética.

Essa transformação pode ser vista em seus projetos, como *Raízes que Transformam*, realizado com Emiliana Batista, que homenageia mulheres negras de Caçapava do Sul, e em *A Capelinha do Bom Fim*, feito com Adélia Leão, no qual a espiritualidade popular foi capturada em imagens que revelam gestos cotidianos de fé, cuidado e pertencimento. Cada clique foi, como ela descreve, uma conquista de autonomia visual, uma narrativa construída a partir de sua voz e experiência.

Sua fala ilustra o desenvolvimento da inteligência visual: a capacidade de reorganizar o olhar, ver nas imagens o que antes passava despercebido e entender que cada enquadramento é uma escolha, e cada escolha, uma narrativa. Ao representar mulheres negras de Caçapava e registrar a história da Capelinha do Bonfim, Michellyne descobriu lugares e rostos, assim como novas formas de olhar para sua cidade e para si mesma.

Outro aspecto a ser destacado no desenvolvimento e na execução do curso Olhares do Geoparque foi o cuidado em alinhá-lo estrategicamente aos princípios de desenvolvimento sustentável defendidos pela UNESCO para os Geoparques Mundiais. O curso também se tornou um instrumento de fortalecimento da educação não-formal,

promoção do turismo sustentável e ampliação da participação social nas políticas de gestão do território.

No âmbito dos Geoparques, a educação não-formal é entendida como a criação de oportunidades de aprendizagem fora do ambiente escolar tradicional. O curso dialogou diretamente com esse princípio ao oferecer uma experiência formativa acessível, gratuita e voltada para públicos que, em situação de vulnerabilidade social, têm pouco acesso a iniciativas de qualificação cultural e tecnológica.

A UNESCO estabelece também que os Geoparques Mundiais devem funcionar como territórios-modelo de desenvolvimento sustentável, o que significa promover ações integradas nas áreas de Educação, conservação ambiental, valorização do patrimônio geológico e desenvolvimento socioeconômico sustentável das comunidades locais. Nessa perspectiva, o curso de fotografia se tornou uma ação educativa e social voltada à promoção de uma cidadania mais ativa, participativa e comprometida com o território.

Em relação à promoção do turismo sustentável — outro princípio fundamental dos Geoparques da UNESCO —, o foco é na geração de renda para as comunidades locais sem causar impactos negativos ao meio ambiente ou à cultura local. Nesse sentido, o curso contribuiu para a formação de novos agentes locais capazes de produzir conteúdos visuais que valorizam o território e que podem ser utilizados para fins turísticos, culturais e educacionais.

As atividades de aprendizagem estimularam reflexões críticas sobre a paisagem, o patrimônio natural e cultural e os desafios locais de desenvolvimento sustentável. Durante as saídas fotográficas, por exemplo, os participantes foram incentivados a observar, documentar e valorizar os elementos

geológicos, históricos e culturais do Geoparque Caçapava. Isso ampliou sua consciência sobre a importância da preservação ambiental e valorização da memória coletiva.

Ao aprenderem a fotografar atrativos naturais, formações geológicas, monumentos históricos e eventos culturais, os participantes passaram a atuar ativamente na promoção da identidade local e divulgação de Caçapava do Sul como destino turístico sustentável. Esse protagonismo é oportuno para fomentar o turismo de base comunitária, no qual os próprios moradores participam da construção e gestão das experiências oferecidas aos visitantes.

A inclusão digital e o empoderamento social também dialogam diretamente com o princípio da ampliação da participação comunitária nas políticas de gestão do território — mais um dos compromissos estabelecidos pela UNESCO para os Geoparques Mundiais. Ao capacitar os participantes a fotografar, compartilhar suas imagens, contar suas histórias e refletir criticamente sobre os desafios locais, o projeto contribuiu para dar voz a sujeitos historicamente invisibilizados.

As imagens produzidas passaram a representar não apenas uma estética visual, como também um posicionamento político e social, tornando-se ferramentas de reivindicação por melhorias, reconhecimento e pertencimento. Esse processo reforça a ideia de que os Geoparques são espaços geográficos, sociais e culturais nos quais a participação ativa da comunidade local é indispensável para a construção de soluções sustentáveis.

O curso também esteve alinhado ao compromisso de promoção de desenvolvimento socioeconômico sustentável ao abrir novas possibilidades de geração de renda,

empreendedorismo e inserção no mercado da economia criativa para os participantes. O domínio da fotografia digital com *smartphones* tornou-se, para muitos, uma ferramenta de trabalho, seja na produção de conteúdo para redes sociais de pequenos empreendimentos locais, na oferta de serviços fotográficos para eventos comunitários ou na comercialização de imagens autorais.

Ao capacitar os participantes para contar suas próprias histórias, o curso colaborou para a criação de um mosaico visual multifacetado sobre o Geoparque Caçapava, no qual diferentes olhares e experiências compõem uma narrativa coletiva, plural e representativa. A inclusão digital, o empoderamento e a fotografia foram ferramentas estratégicas para a materialização dos princípios de desenvolvimento sustentável preconizados pela UNESCO para os Geoparques Mundiais. Ao articular educação não- formal, turismo sustentável, inclusão social e desenvolvimento econômico, o projeto qualificou indivíduos e mobilizou a comunidade de Caçapava do Sul para um engajamento mais ativo na preservação, promoção e gestão sustentável de seu território.

UMA JORNADA DE DESCOBERTAS

A PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

A proposta educativa do curso Olhares do Geoparque foi planejada para proporcionar uma experiência de aprendizagem transformadora e inclusiva, alinhada aos princípios de desenvolvimento sustentável da UNESCO para os Geoparques Mundiais. Mais do que ensinar técnicas fotográficas, o curso buscou estimular a autonomia criativa, fortalecer vínculos com o território e promover o empoderamento social por meio de uma metodologia ativa e participativa centrada nos alunos.

O percurso formativo teve início com aulas teóricas conduzidas de maneira interativa, nas quais os conceitos fundamentais da fotografia foram apresentados de forma acessível e dialogada. Recursos visuais, imagens de referência, exemplos práticos e questionamentos direcionados serviram como base para despertar o interesse e a curiosidade dos participantes.

Figura 3 – Logotipo do curso.



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Outro aspecto importante do curso foi o incentivo à experimentação de linguagens fotográficas. Com isso, os participantes foram estimulados a explorar diferentes estilos — documental, artístico, conceitual ou jornalístico —, de acordo com a intenção de cada projeto. Isso permitiu a construção de um portfólio coletivo diversificado que reflete a pluralidade do Geoparque e a heterogeneidade das trajetórias individuais dos participantes.

As discussões em grupo foram incentivadas como espaços de troca de experiências pessoais, permitindo que os alunos relacionassem os conteúdos teóricos com suas próprias vivências no território de Caçapava do Sul. Conceitos como composição, luz, foco e narrativa visual foram explorados tanto como regras técnicas quanto como ferramentas expressivas capazes de dar voz aos olhares individuais.

Para que o conhecimento adquirido ganhasse sentido prático, as aulas incluíram demonstrações técnicas que exemplificavam o uso do *smartphone* como ferramenta fotográfica. Técnicas de enquadramento, controle de luz

natural, ajuste de foco e recursos de edição foram demonstradas de maneira gradual e progressiva. Durante as demonstrações, os conceitos teóricos eram traduzidos em ações concretas, o que permitiu aos participantes visualizar, na prática, como diferentes escolhas técnicas impactam o resultado final de uma fotografia. Essa abordagem contribuiu para reduzir a distância entre o saber abstrato e sua aplicação no cotidiano.

Seguindo a lógica de um aprendizado progressivo, os participantes foram convidados a realizar exercícios práticos dirigidos, sempre com acompanhamento. Essas atividades foram pensadas para desafiá-los a experimentar novas perspectivas, explorar a criatividade e desenvolver o olhar fotográfico de forma crítica e sensível. Os exercícios tinham como objetivo estimular a reflexão sobre o próprio processo de criação para que os participantes identificassem suas dificuldades e reconhecessem seus avanços. A experimentação livre foi incentivada, sempre respeitando o ritmo e as particularidades de cada cursista.

As saídas fotográficas guiadas pelo Geoparque Caçapava funcionaram como laboratórios de experimentação a céu aberto. Paisagens naturais, patrimônios históricos e espaços de convivência comunitária tornaram-se cenários vivos de aprendizado. Neles, os alunos puderam aplicar os conhecimentos adquiridos em situações reais, desde enfrentar os desafios da luz natural e do movimento até as configurações de câmera e composição de elementos em campo. Eles também receberam orientações individuais e sugestões técnicas, dando espaço também a momentos de ensino personalizado. Além disso, as interações entre os próprios participantes estimularam trocas de saberes, colaboração e

construção de uma identidade coletiva como grupo de fotógrafos em formação.

A forma de ensinar e compartilhar conhecimento também valorizou a avaliação contínua, formativa e construtiva ao longo de todo o curso. A observação direta do desempenho durante as atividades práticas combinada com momentos de atendimento individualizado permitiu que cada participante tivesse consciência sobre seu progresso e suas áreas de desenvolvimento.

Reflexões coletivas ao final de cada encontro fortaleceram o processo de aprendizagem, criando espaços de escuta, reconhecimento e fortalecimento da autoconfiança. Um momento de mensuração de desempenho, mas, principalmente, uma oportunidade de reforçar as conquistas, corrigir rotas e estimular o aprimoramento contínuo.

O *SMARTPHONE* COMO FERRAMENTA CRIATIVA

Uma vez que, historicamente, a produção de fotografia de qualidade esteve associada ao acesso a câmeras profissionais e a equipamentos de alto custo, a escolha do *smartphone* como equipamento principal representou um posicionamento técnico e social alinhado aos processos de ensino-aprendizagem e às práticas educativas. Ao transformar os *smartphones,* dispositivos já presentes na vida da maioria dos participantes, em ferramentas de produção criativa, o curso quebrou o paradigma de que a fotografia é um campo restrito a poucos. Nosso objetivo era democratizar o acesso à produção de imagens e reconhecer a potência criativa das tecnologias cotidianas.

Aquilo que antes era usado majoritariamente para o consumo de conteúdo nas redes sociais passou a ser um meio

de expressão artística, registro cultural e geração de oportunidades profissionais. Agora, em vez de apenas consumir imagens, os participantes aprenderam a produzir e compartilhar suas próprias narrativas visuais.

As primeiras etapas de aprendizado com o *smartphone* envolveram a compreensão e o domínio dos recursos básicos do aparelho — desde o ajuste manual de foco e controle de exposição até a análise da qualidade da luz, resolução das imagens e funções HDR (*High Dynamic Range*). Por meio de demonstrações práticas, os participantes foram desafiados a experimentar diferentes configurações de câmera, testando variações de ângulo, distância, iluminação e profundidade de campo, compreendendo o impacto de cada escolha no resultado final da imagem.

Além da técnica, um dos grandes focos foi estimular o desenvolvimento de um olhar fotográfico ativo, crítico e criativo, buscando diferencial na sensibilidade e intenção do fotógrafo ao invés de no equipamento. Através de exercícios práticos, os participantes exploraram diferentes pontos de vista e buscaram ângulos diversos para representar um mesmo cenário. Eles também foram desafiados a brincar com a perspectiva e a luz, aprendendo a alterar a percepção da cena e realçar ou suavizar elementos da composição.

Outro aspecto explorado foi a compreensão do *smartphone* como uma ferramenta de construção de narrativas visuais. Durante as saídas fotográficas, os participantes foram orientados a pensar cada imagem como parte de uma história que comunica valores, emoções e significados. As atividades estimularam o desenvolvimento de perguntas norteadoras antes de cada clique: "o que desejo comunicar com esta imagem?"; "qual emoção está por trás da escolha

deste enquadramento?"; "que história o espectador poderá interpretar ao ver essa fotografia?".

Esse processo de reflexão permitiu aos participantes perceberem que, mesmo com equipamentos simples, é possível criar imagens autorais e expressivas. A experiência fortaleceu também a autonomia digital dos participantes ao ampliar o domínio sobre ferramentas de edição, armazenamento e compartilhamento de conteúdo.

AS AULAS E AS SAÍDAS FOTOGRÁFICAS

O curso teve início com uma cerimônia de abertura que reuniu representantes de diferentes setores envolvidos com o desenvolvimento local e com o Programa Progredir. A presença de Angelita Zimmermann (Coordenadora do Progredir Geoparques), Cristina Spode (Secretária de Desenvolvimento Social e Trabalho) e Inácio Lemos (Secretário de Inovação, Cultura e Turismo de Caçapava do Sul) evidenciou o caráter intersetorial e a importância estratégica da iniciativa para o fortalecimento do Geoparque Caçapava como território de inovação social.

As primeiras aulas tiveram foco na introdução ao universo da fotografia e abordaram aspectos históricos, conceitos básicos e a relevância da linguagem fotográfica como meio de expressão e documentação cultural. As aulas teóricas, expositivas e dialogadas foram enriquecidas com recursos visuais, exemplos de fotógrafos consagrados como Sebastião Salgado, Araquém Alcântara, Vânia Toledo, entre outros, e debates em grupo para estimular os participantes a refletir sobre a potência da fotografia como ferramenta de transformação social.

As aulas seguintes abordaram os equipamentos fotográficos, com ênfase nos *smartphones* como ferramentas

criativas acessíveis. Demonstrações práticas ilustraram como configurar o aparelho, ajustar o foco, trabalhar a exposição e explorar as funções nativas de suas câmeras. Essa etapa foi necessária para romper a ideia de que boas imagens só podem ser feitas com equipamentos caros e reforçar o compromisso do curso com a inclusão digital.

Com os fundamentos técnicos apresentados e praticados, adentramos os princípios básicos e avançados de composição fotográfica. Os participantes experimentaram regras de enquadramento, uso de linhas, padrões, texturas e cores, sempre com o apoio de exercícios práticos dirigidos. O objetivo dessas atividades era estimular o olhar crítico e a percepção estética e incentivar os alunos a explorar novas perspectivas de forma que desenvolvessem uma linguagem visual própria.

As saídas fotográficas realizadas no Geoparque Caçapava marcaram um momento de transição importante. Cada local visitado foi escolhido por seu valor cultural, histórico e paisagístico, com o objetivo de reforçar a conexão entre fotografia, identidade local e pertencimento. Essas experiências funcionaram como pontes entre a teoria e a prática; o olhar técnico e a sensibilidade cultural; o registro visual e o reconhecimento efetivo do território — fortalecendo a conexão emocional e identitária com Caçapava do Sul.

Cada saída foi planejada para despertar uma nova percepção sobre o cotidiano e os espaços simbólicos da cidade, reforçando o sentimento de pertencimento e valorizando as singularidades culturais e naturais do Geoparque Caçapava. A primeira experiência prática foi realizada na Igreja Matriz de Caçapava do Sul, um dos monumentos emblemáticos da cidade. O objetivo dessa saída era explorar a fotografia de patrimônio cultural, com foco no detalhamento arquitetônico e na captura de texturas, formas e simbolismos.

Os participantes trabalharam com pontos de fuga e perspectivas, refletindo sobre como representar a grandiosidade e o valor simbólico da igreja em suas imagens. As discussões durante a atividade abordaram questões para a leitura e construção visual, como: a iluminação era natural ou artificial?; como a luz incidia sobre os elementos arquitetônicos?; havia jogos de sombra capazes de criar dramatização na cena?; a luz estava suave ou dura?; os elementos principais estavam destacados ou ocultos pela iluminação? Esses questionamentos estimularam um olhar mais analítico, levando os participantes a perceber como a arquitetura, a textura das paredes e até os vitrais reagiam de maneira diferente dependendo do ângulo de incidência da luz. A atividade permitiu que cada um experimentasse com diferentes posições de câmera, explorando contrastes, silhuetas e variações de luminosidade para interpretar visualmente o espaço e transmitir sentimentos de reverência, imponência ou acolhimento antes de registrá-lo e transformar a fotografia em um discurso sobre identidade, fé e memória coletiva.

Na semana seguinte, a saída para a Chácara do Forte foi dedicada ao módulo de fotografia de paisagem, trazendo o seguinte desafio: como construir imagens únicas de um local amplamente fotografado por turistas e moradores? A partir desse contexto, os cursistas foram orientados a trabalhar três conceitos fundamentais para a fotografia de paisagem: profundidade de campo, composição de planos e contraste de cor e luz natural.

Durante a prática, os alunos aprenderam a analisar quais elementos da cena deveriam estar em foco e quais poderiam ser desfocados propositalmente, utilizando a profundidade

de campo como ferramenta expressiva. Além disso, o exercício de composição de planos exigiu atenção especial para a interação entre primeiro, segundo e terceiro plano, criando imagens com sensação de profundidade e tridimensionalidade. Outro aspecto trabalhado nessa saída foi a valorização dos contrastes de cor e das variações de luz natural, aproveitando o diálogo visual entre o céu, a vegetação e as formações rochosas características da região. Os participantes foram instigados a fazer conexões com os conteúdos teóricos estudados, experimentando diferentes ângulos e distâncias focais, sempre com o objetivo de fugir do registro convencional e buscar uma representação autoral da paisagem, capaz de traduzir emoções e perspectivas individuais.

As últimas saídas fotográficas foram voltadas à produção de narrativas documentais para explorar a dimensão social, cultural e emocional da fotografia. Durante o passeio pela cidade, o desafio foi olhar para o cotidiano com olhos de descoberta e exercitar a sensibilidade para perceber a beleza nas cenas mais simples e rotineiras da cidade. Assim, o Santuário de Piraju foi o local escolhido para trabalhar de forma mais intensa a subjetividade emocional da fotografia. Ali, a proposta foi que os participantes desenvolvessem uma escolha consciente de enquadramentos que traduzem a atmosfera de fé e espiritualidade que o espaço inspira, refletindo sobre questões como: "o que essa imagem comunica?" e "que sentimento ela desperta em quem a vê?". O objetivo era conduzi-los a uma produção mais intencional e emocionalmente carregada.

As orientações foram focadas no uso da luz como recurso narrativo, incentivando os alunos a observar como a iluminação

podia sugerir intimismo, devoção ou um convite à reflexão espiritual. Além da luz, outros elementos foram explorados: cores, texturas das paredes e mobiliário antigos, detalhes arquitetônicos e expressões das estátuas espalhadas por todo o espaço externo do santuário. Essa experiência, em especial, aproximou os participantes da fotografia como linguagem sensível, capaz de comunicar significados que vão além do visível.

Em todas as saídas, o acompanhamento foi individualizado, com orientações técnicas, diálogos sobre o pensamento fotográfico e intencionalidade com propósito expressivo, comunicativo e documental, além de incentivo à experimentação criativa. Após os registros em campo, os participantes foram introduzidos aos fundamentos do tratamento de imagens. As aulas abordaram o uso de aplicativos para ajustes de luz, cor e contraste, de forma a demonstrar que a pós-produção também faz parte do processo criativo e pode potencializar o impacto emocional e estético das imagens.

A etapa final das atividades envolveu oficinas de curadoria e planejamento nas quais os participantes foram convidados a selecionar suas imagens, refletir sobre suas escolhas e organizar as fotografias em projetos temáticos. Essa fase teve como foco o desenvolvimento da autoria e da narrativa visual para organização de exposições fotográficas.

O curso foi encerrado com a realização de uma exposição fotográfica — momento de celebração e reconhecimento público do trabalho desenvolvido. As imagens escolhidas pelos próprios participantes foram apresentadas à comunidade em um evento aberto, muito mais como forma de consolidar o percurso de aprendizagem, as descobertas individuais e a valorização coletiva do território do que de avaliar o desempenho.

OFICINAS DE CURADORIA E PLANEJAMENTO

Para encerrar o ciclo formativo do curso Olhares do Geoparque, as oficinas de curadoria e planejamento representaram um momento de síntese e reflexão. Nessa etapa, os participantes deixaram de ser apenas fotógrafos em formação para se tornarem curadores de suas próprias histórias visuais e assumirem um papel ativo na seleção, organização e apresentação de suas imagens.

As oficinas começaram com uma introdução ao conceito de curadoria fotográfica, abordando a diferença entre simplesmente escolher fotos que "ficaram boas" e construir uma narrativa visual coerente e intencional. O objetivo era promover uma reflexão sobre múltiplos aspectos de suas imagens, incluindo as mensagens inerentes a cada fotografia, as emoções e os significados que elas transmitem implicitamente, o diálogo estabelecido entre as imagens e, principalmente, qual linha narrativa poderia ser tecida a partir do conjunto fotográfico como um todo.

Esse exercício foi projetado para cultivar um olhar crítico e autoral sobre o trabalho desenvolvido, além de impulsionar os participantes a irem além da apreciação estética. A intenção era que considerassem elementos mais amplos, como o contexto cultural, as histórias locais e a intencionalidade comunicativa por trás de cada fotografia.

Após essa fase inicial de reflexão, os participantes passaram a trabalhar o sequenciamento das imagens, ou seja, a construção da ordem de apresentação das fotos, levando em conta ritmo, contraste visual, coerência temática e impacto emocional. Essa etapa foi marcada por discussões em grupo, nas quais cada participante apresentou suas escolhas e recebeu colaborações dos colegas. Os debates sobre a força

de uma imagem de abertura, o papel de uma foto de transição ou o efeito de encerramento de uma série fotográfica trouxeram aprendizados sobre como o tratamento e planejamento expositivo também são atos criativos.

Outro momento importante das oficinas foi o trabalho de elaboração de textos que contextualizassem as produções fotográficas. Os participantes foram orientados a criar legendas, pequenos relatos ou até mesmo textos reflexivos que ajudassem o público a compreender as histórias por trás das imagens. Essa integração entre fotografia e palavra ampliou o repertório expressivo dos alunos, estimulando-os a refletir sobre o "como", o "porquê" e o "para quem" fotografar.

Após a curadoria do material e a produção dos textos, o grupo dedicou-se ao planejamento da exposição final do curso. Esse esforço conjunto resultou na criação de uma galeria digital acessível ao público, na qual foram exploradas diversas questões para a organização do conteúdo. As discussões se concentraram em como as imagens poderiam ser dispostas com fácil acesso no ambiente digital, além de definir um percurso de leitura intuitivo para os visitantes. Além disso, estabeleceram categorias ou temas para estruturar a galeria para uma experiência coesa e com significado. O processo de planejamento também incluiu momentos de decisão coletiva, reforçando o caráter participativo e colaborativo que permeou todo o curso.

Ao final desse ciclo, a curadoria foi muito mais que uma etapa técnica. Ela se tornou uma extensão do processo de empoderamento iniciado nas aulas teóricas e práticas. Os participantes, ao escolherem "como" e "o que" expor, passaram a ter controle sobre suas narrativas e representações e sobre como desejam ser percebidos pela comunidade e pelo público externo.

ATRAVÉS DAS LENTES

MOSTRA FOTOGRÁFICA

O processo de escolha dos temas para a mostra fotográfica foi um momento de relevância pedagógica. Em discussões coletivas, os participantes identificaram quais aspectos do Geoparque mais os mobilizavam: as paisagens geológicas, as tradições locais, as festas populares, as relações de trabalho, as manifestações culturais ou a memória das comunidades rurais. Essa escuta ativa entre os participantes favoreceu uma curadoria afetiva, na qual cada projeto autoral refletiu experiências e olhares genuínos.

Houve um esforço direcionado ao desenvolvimento da capacidade narrativa dos alunos. Foram realizados exercícios de leitura de imagem, análise crítica de fotografias e debates sobre ética na representação visual de pessoas e territórios. Isso garantiu que as imagens produzidas fossem esteticamente agradáveis, socialmente conscientes e culturalmente respeitosas.

A relação com os sujeitos fotografados também foi um ponto de debate. Ao fotografarem pessoas de suas próprias

comunidades, os participantes precisaram refletir sobre o consentimento, a representação digna e a construção de vínculos de confiança. Assim, a fotografia se transformou em uma ferramenta de mediação social, capaz de aproximar diferentes gerações e grupos locais.

Na fase de pré-produção da Mostra Fotográfica, foi trabalhado o conceito de curadoria colaborativa. Os alunos participaram de todas as etapas: seleção das imagens, definição dos títulos, criação dos textos de apresentação e escolha dos suportes de exibição. Esse processo de curadoria fortaleceu a autoria dos alunos sobre suas produções, como também os inseriu ativamente em todas as decisões que impactaram a apresentação pública de seu trabalho.

Cada grupo de participantes foi orientado a desenvolver um roteiro de projeto fotográfico, o que incluiu etapas de pesquisa temática, definição do propósito, planejamento das locações, escolha de referências visuais e estéticas, além da curadoria final das imagens. Esse processo garantiu coesão narrativa e intencionalidade artística, aspectos que diferenciam um projeto fotográfico autoral de simples fotografias avulsas. Os alunos aprenderam a justificar suas escolhas visuais, relacionar suas fotos com seus temas e construir uma sequência de imagens que dialogassem entre si.

Projetos como *Olhargrafia*, por exemplo, demonstraram uma experimentação consciente com luz, cor e sombra para explorar a fotografia como linguagem visual poética. Já o projeto *PelaPorta* se destacou por sua construção simbólica e conceitual ao utilizar as portas como metáforas para os limites e possibilidades da leitura e do conhecimento. O olhar sensível voltado aos detalhes do patrimônio, rostos

conhecidos das comunidades, espaços de fé e cenários de resistência foi um ato consciente em quase todos os projetos. As imagens resultantes convidaram o público a (re)ver o território de outra maneira, a (re)conhecer valores que vão além da estética e que se conectam à história, afetividade e cultura local.

As ações desenvolvidas nessa fase também dialogaram diretamente com os objetivos do projeto: valorizar o patrimônio do Geoparque Caçapava, ampliar a visibilidade turística da região e criar um acervo visual acessível para ações de educação patrimonial e comunicação institucional. A fotografia, assim, foi além de uma prática artística ou técnica. Ela se consolidou como uma ponte entre educação, identidade local, sustentabilidade e transformação social, além de reafirmar o propósito do projeto: documentar, conectar e preservar um território onde geologia e vida cotidiana se entrelaçam de forma singular.

A exposição foi realizada na Feira Municipal de Artesanatos, Produtos e Prestação de Serviço (FEMAPRO), um espaço que simboliza a produção cultural e econômica local. Desde as primeiras horas da manhã, o fluxo constante de visitantes já indicava a relevância que a mostra assumiria para a comunidade. A partir das 10h, moradores, familiares, amigos e representantes de diferentes setores da sociedade local passaram a circular entre os painéis dos projetos.

Entre os visitantes, estiveram presentes autoridades locais, como vereadores, secretários municipais, a coordenadora do CRAS Floresta, a coordenadora do Programa Progredir e o próprio prefeito de Caçapava do Sul, que fez questão de

prestigiar o evento. Esses momentos de reconhecimento público foram marcados por discursos de parabenização aos participantes, elogios ao resultado artístico e técnico das fotografias e agradecimentos pelo compromisso social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), representada ali através da execução do Programa Progredir.

Figura 4 – Cartaz da Mostra Fotográfica



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

A exposição foi, sobretudo, um momento de celebração coletiva e reconhecimento mútuo. Em uma grande roda de conversa, que se formou de maneira espontânea entre participantes, autoridades e visitantes, as palavras se entrelaçaram com emoções intensas. Houve espaço para relatos

pessoais, agradecimentos, depoimentos emocionados e até lágrimas, ações que expressaram o orgulho e a sensação de conquista por parte de muitos que, até então, não imaginavam que seu trabalho teria tamanha visibilidade e acolhimento social.

Os participantes, com brilho nos olhos, compartilharam as histórias por trás de suas imagens, contaram sobre os desafios enfrentados durante as saídas fotográficas, as inspirações para seus projetos autorais e o impacto que o curso teve em suas vidas. Muitos descreveram a experiência como um divisor de águas — um momento de virada, autodescoberta e reconhecimento enquanto autores de narrativas visuais sobre seu próprio território.

O ambiente da FEMAPRO, tradicionalmente dedicado ao artesanato e à produção local, transformou-se por um dia em uma verdadeira galeria de arte comunitária, reafirmando que a fotografia, assim como outras formas de expressão cultural, pertence a todos que desejam contar suas histórias e olhar com atenção para o mundo ao seu redor. A fotografia nesse local se transformou em um palco, o que amplificou as vozes locais.

A repercussão da exposição na comunidade foi imediata. A mídia local destacou o evento como uma iniciativa de grande valor social, cultural e educativo. O portal Caçapava Online ressaltou, em reportagem publicada no dia 28 de abril, que a mostra revelou "a beleza natural, histórica e cultural de Caçapava do Sul sob novos e sensíveis olhares". A reportagem publicada reconhece o esforço coletivo de capacitação, inclusão digital e estímulo ao turismo local promovido pelo projeto.

A Câmara de Vereadores de Caçapava do Sul também registrou oficialmente a visita de representantes do poder

legislativo à exposição. Em nota divulgada no site institucional, foi reconhecida a importância da mostra para a promoção da identidade local e o fortalecimento das ações de inclusão socioeconômica e valorização cultural. Já a Prefeitura Municipal, por meio de suas plataformas oficiais, destacou a presença do prefeito durante a mostra e enfatizou que os resultados do curso "vão muito além das belas imagens: são expressões de crescimento pessoal, criatividade e conexão com a terra".

A Mostra Fotográfica ampliou o alcance das narrativas produzidas e tornou-se um momento de devolutiva social, onde a comunidade local pôde reconhecer-se nas imagens, compartilhar histórias e fortalecer os laços de pertencimento ao Geoparque Caçapava.

PROJETOS AUTORAIS: NARRATIVAS DO TERRITÓRIO

Os projetos autorais demonstraram a amplitude e profundidade dos temas explorados, além de revelarem a pluralidade de olhares e experiências de vida dos participantes e as singularidades da realidade local. Cada um dos projetos revelou uma combinação entre técnica, criatividade e engajamento social e o resultado foi um conjunto de imagens que vão além da estética: alcançam o campo da memória coletiva, da representatividade cultural e da educação patrimonial.

***A Capelinha do Bom Fim*, por Adélia Leão e Michellyne Melo**

A Capelinha do Bom Fim, de Adélia Leão e Michellyne Melo, ofereceu a leitura de um dos símbolos de fé e acolhimento da comunidade local, momento de valorização da dimensão humana e emocional desse espaço. Elas revelaram o poder da fotografia na construção de narrativas afetivas e espirituais.

O projeto destacou a importância do patrimônio imaterial e evidenciou que a memória coletiva reside além das construções físicas, como nas práticas cotidianas de solidariedade e espiritualidade vividas pelas pessoas.

Figura 3 – *A Capelinha do Bom Fim*: *espiritualidade, amparo e afeto*



Fonte: Michellyne Melo (2025).

> O projeto busca **revelar**, por meio da fotografia, como a **Capelinha do Bom Fim** representa um **espaço de fé**, **espiritualidade** e **solidariedade** em Caçapava do Sul - RS.

OLHARES GEOPARQUE

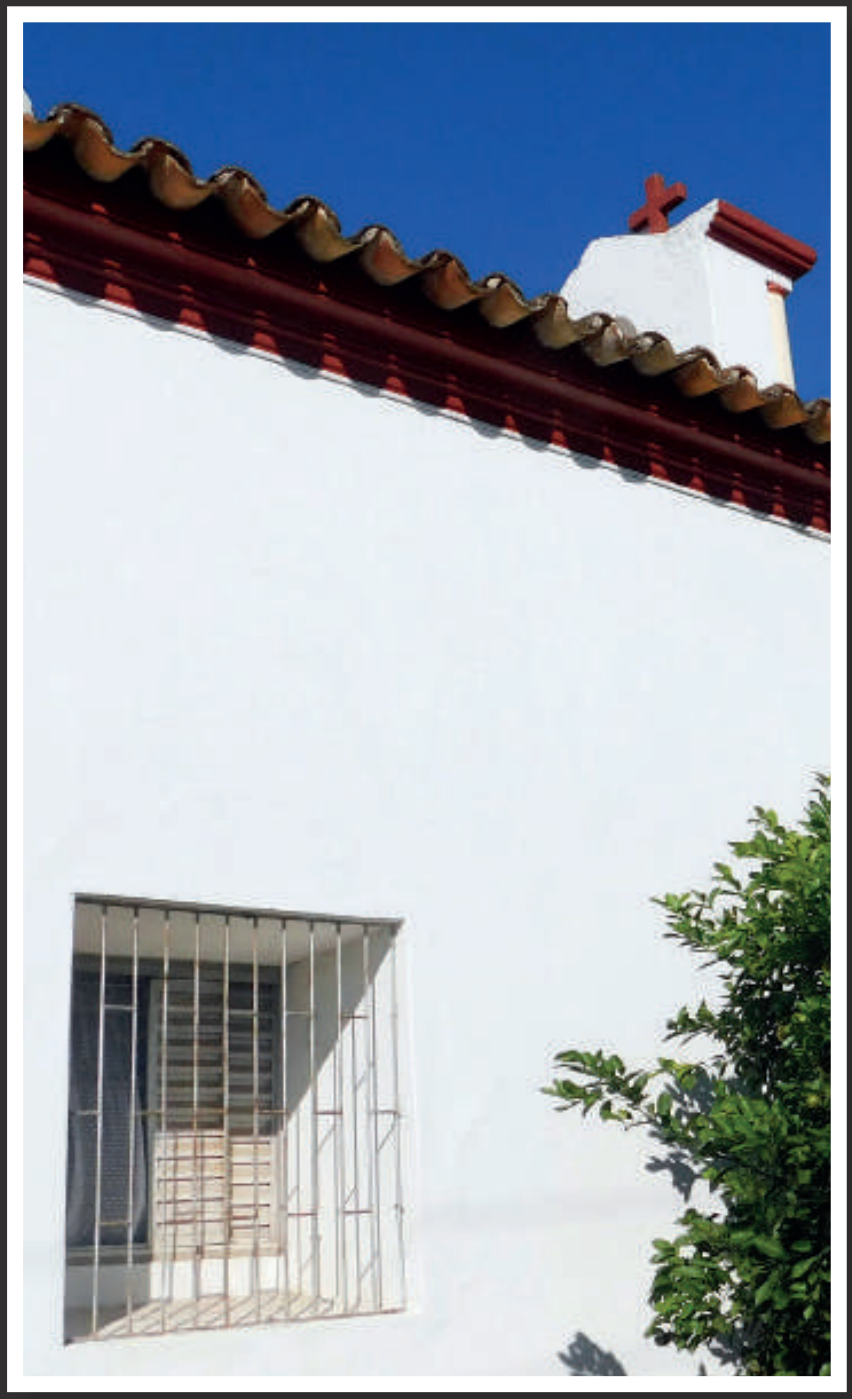














> A Capelinha **simboliza** o **cuidado** e a **caridade**, sendo um lugar de **acolhimento** para todos que buscam **conforto**, **amparo**, **afeto** e compreensão independentemente de sua crença.

OLHARES GEOPARQUE



A Capelinha do Bom Fim constrói imagens que falam da fé silenciosa, do afeto coletivo e da preservação de um patrimônio espiritual. A escolha por ângulos intimistas, detalhes arquitetônicos e cenas de devoção silenciosa resultou em um ensaio visual que estabelece uma ponte emocional entre o espectador e o espaço fotografado.

Para Adélia Leão, a fotografia é sinônimo de poesia. Ao revisitar sua infância e lembrar do impacto que uma simples fotografia causou em sua vida, ela compreende que fotografar é registrar, mas, especialmente, eternizar um instante, dar corpo à memória e voz ao tempo. Com emoção, afirma: "olhar uma foto é ler através da imagem que alguém registrou um fato ou lugar".

Sua fala faz lembrar que toda imagem é carregada de camadas simbólicas. Ela nos faz voltar ao conceito inicial de imagem como construção de sentido, como linguagem que traduz afetos e identidades. E vai além quando propõe que o ato de fotografar exige um triângulo mágico: olho, mente e coração — reinterpretando a tríade técnica da fotografia, ou seja, abertura, obturador e sensibilidade. Essa tríade é a base da inteligência visual — é o que permite que uma imagem vá além do visível, tocando o sensível e o inesquecível.

Arquitetura da fé, por Rosa Ruschel e Valdirene Corrêa

Rosa Ruschel e Valdirene Corrêa, em *Arquitetura da fé*, convidaram o público à contemplação. As fotografias propuseram uma experiência sensorial e espiritual com foco em formas arquitetônicas, jogos de luz e sombra e atmosferas de silêncio. O projeto reafirmou a capacidade da fotografia em transmitir sensações e provocar introspecção, mesmo sem recorrer a símbolos religiosos explícitos.

Valdirene Corrêa relata que o curso aprofundou seu olhar sobre o território, ajudando-a a reconhecer a riqueza histórica, cultural e natural de Caçapava do Sul. Sua sensibilidade se transforma em imagens que registram a espiritualidade como experiência sensível do silêncio, da luz e da forma. A fotografia, para ela, tornou-se uma extensão de sua missão social: preservar memórias, valorizar o patrimônio e fortalecer o sentimento de pertencimento. Seu projeto é um convite à introspecção, escuta e valorização do espaço sagrado que habita em cada canto da cidade.

Figura 4 – *Arquitetura da fé*: *contemplação da espiritualidade*

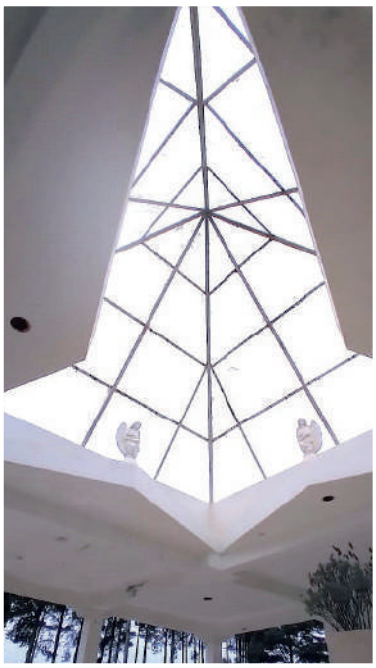


Fonte: Valdirene Corrêa e Rosa Ruschel (2025).

> Arquitetura da Fé é um projeto fotográfico que convida à **contemplação da espiritualidade** através da arquitetura monumental.

OLHARES GEOPARQUE











> A **verdadeira fé** pode habitar o que **sentimos**, **em silêncio**, diante da beleza que **nos toca**.

OLHARES GEOPARQUE









A fotografia pode revelar um território e inscrevê-lo em novas narrativas, mas, para Valdirene, ela é capaz de fortalecer laços comunitários e estimular o engajamento com a própria história. Quando ela afirma que sai do curso "com um olhar mais sensível e consciente", está dizendo que seus olhos agora são capazes de ver novos futuros — possíveis e plurais.

Desvendando encantos: *Geoparque Caçapava*, por Opalina Teixeira

Em *Desvendando encantos*: *Geoparque Caçapava*, Opalina Teixeira celebrou a beleza natural e histórica do Geoparque, com um olhar que combina sensibilidade estética e reconhecimento da geodiversidade como patrimônio vivo. Suas imagens buscaram capturar o diálogo entre o tempo geológico e a presença humana para evidenciar como as paisagens moldam e são moldadas pela história da cidade.

Figura 5 – *Desvendando encantos: Geoparque Caçapava*



Fonte: Opalina Izabel (2025).

“Entre **montanhas** que guardam **histórias** e uma **natureza** que pulsa **vida**, **Caçapava** do Sul r**evela seus encantos** em cada detalhe.”

OLHARES GEOPARQUE









> No **coração** da "Clareira na Mata", **prédios históricos** e **formações naturais** convivem em **harmonia**, compondo **paisagens** que impressionam pela **beleza** e pela **força simbólica**.

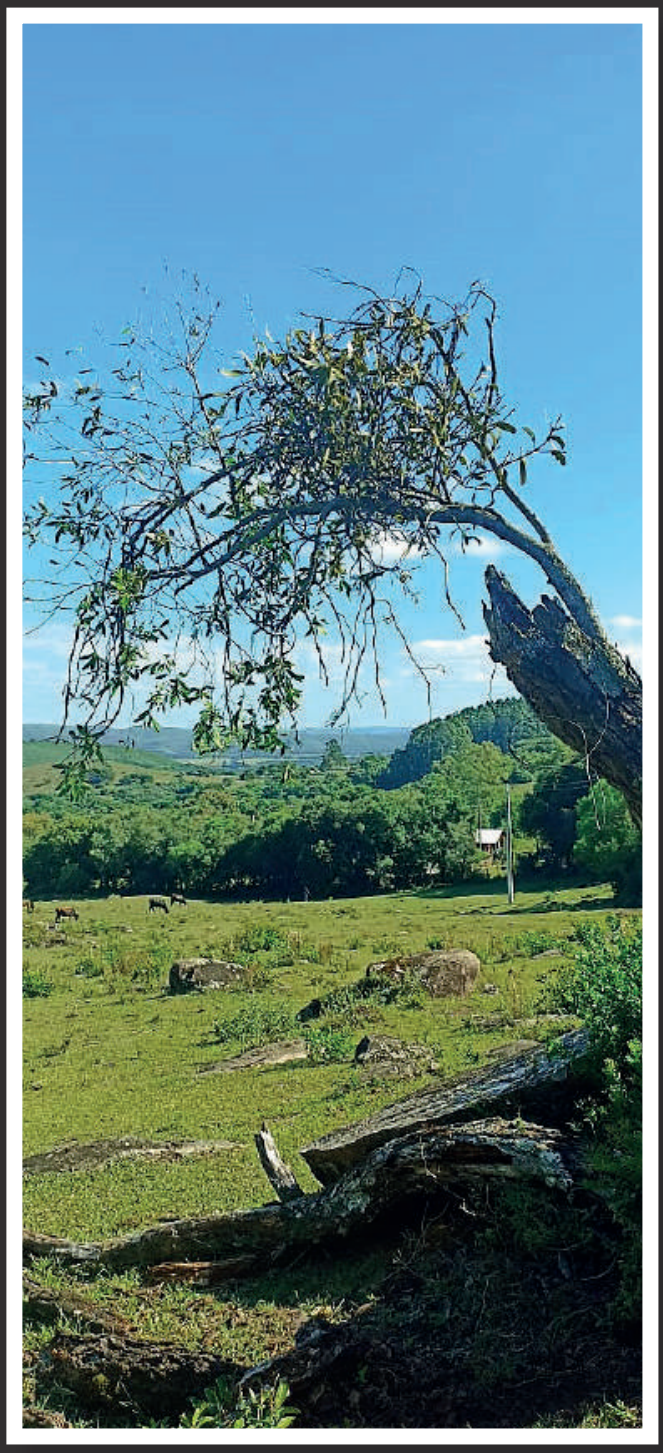
OLHARES GEOPARQUE



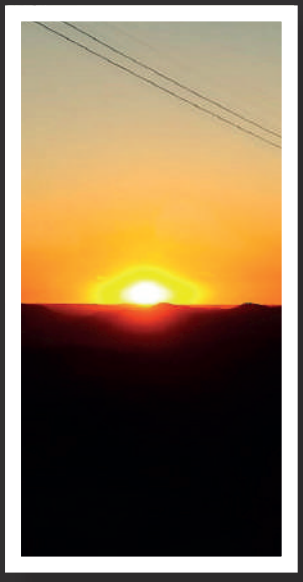


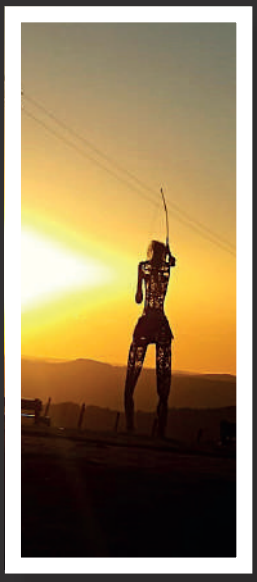














Opalina, professora aposentada e artesã, viveu no curso uma experiência marcada pela ressignificação pessoal. Ao transformar a fotografia em prática cotidiana, criou uma ponte entre o luto e a esperança. O celular, antes apenas um objeto, tornou-se instrumento de conexão emocional com o mundo, capaz de captar nuances de luz e de sombra — tanto externas quanto internas. "Com todas as limitações consegui sentir na fotografia um novo caminho para ressignificação da caminhada terrena, com serenidade e encantamento", relata.

Seu projeto retrata com delicadeza o território em que vive, além dos horizontes das paisagens, mas como espaço simbólico onde se entrelaçam natureza, tempo e memória. Suas imagens revelam um olhar que acolhe e compreende: cada pedra, clareira e sombra serve de espelho para uma jornada interior. Com um olhar terapêutico e simbólico da fotografia, ela afirma que "basta um celular e uma percepção aguçada através das lentes", referindo-se não só à técnica, mas à reconstrução de sentidos — a possibilidade de transformar imagens em caminhos possíveis para novos futuros.

Memória em ruínas, por Camila Fernandes, Estefani Moraes, Jenifer Moraes e Rubiano Paz

Em "Memória em Ruínas", Camila Fernandes, Estefani Moraes, Jenifer Moraes e Rubiano Paz colocaram em foto espaços abandonados ou esquecidos, mas carregados de significado afetivo e histórico. Eles resgataram espaços esquecidos e invisibilizados da cidade para provocar um olhar de cuidado sobre o que, muitas vezes, passa despercebido no cotidiano.

Figura 6 – *Memória em ruínas*: *relembrando caminhos esquecidos*



Fonte: Camila Fernandes, Estefani Moraes, Jenifer Moraes e Rubiano Paz (2025)

> Memória em Ruínas: **Relembrando Caminhos Esquecidos** é um projeto dedicado a **resgatar memórias visuais e afetivas** de Caçapava do Sul, uma das **cidades** mais antigas e **históricas** do Rio Grande do Sul.

OLHARES GEOPARQUE





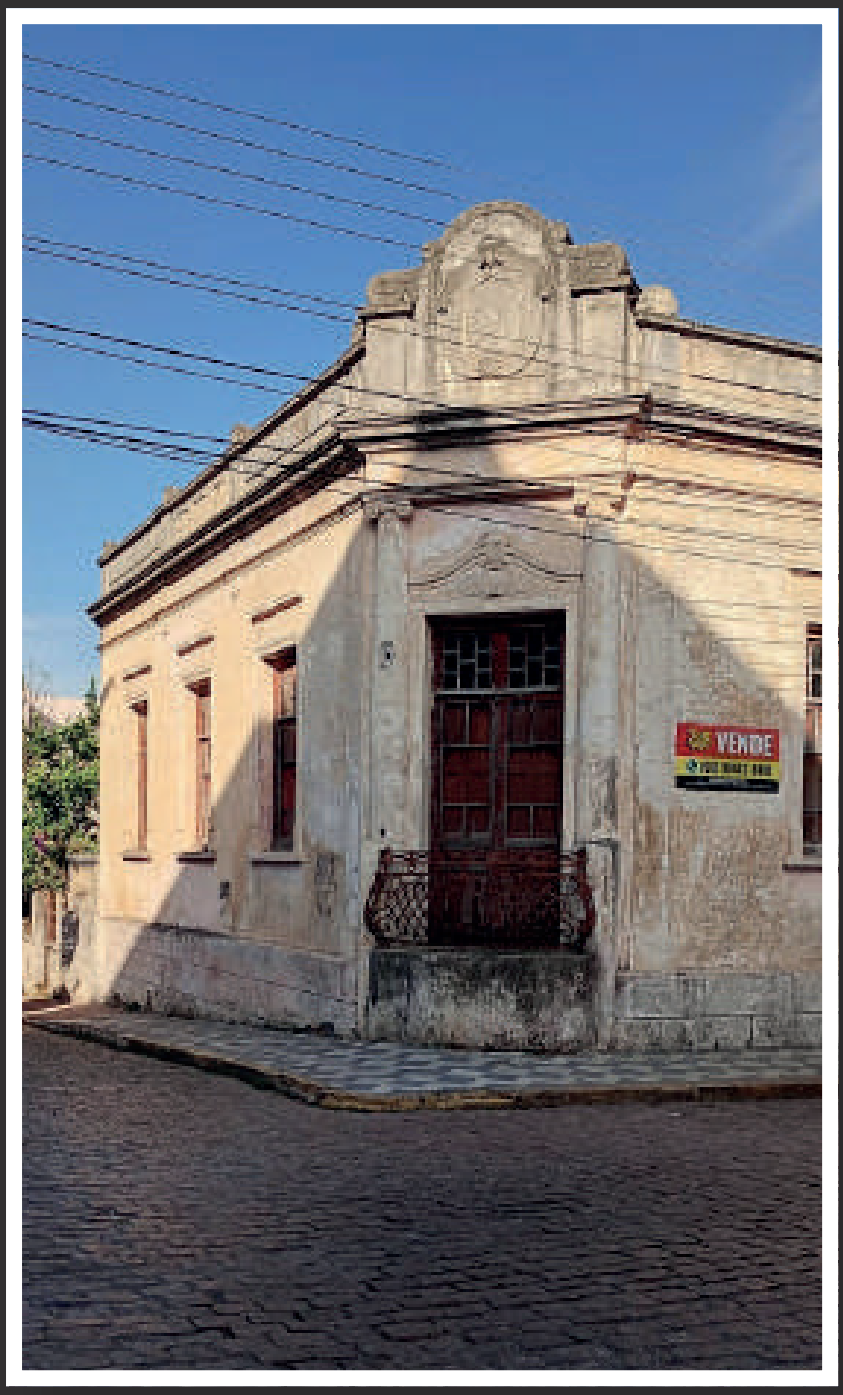

Guerreiro
Farrapo







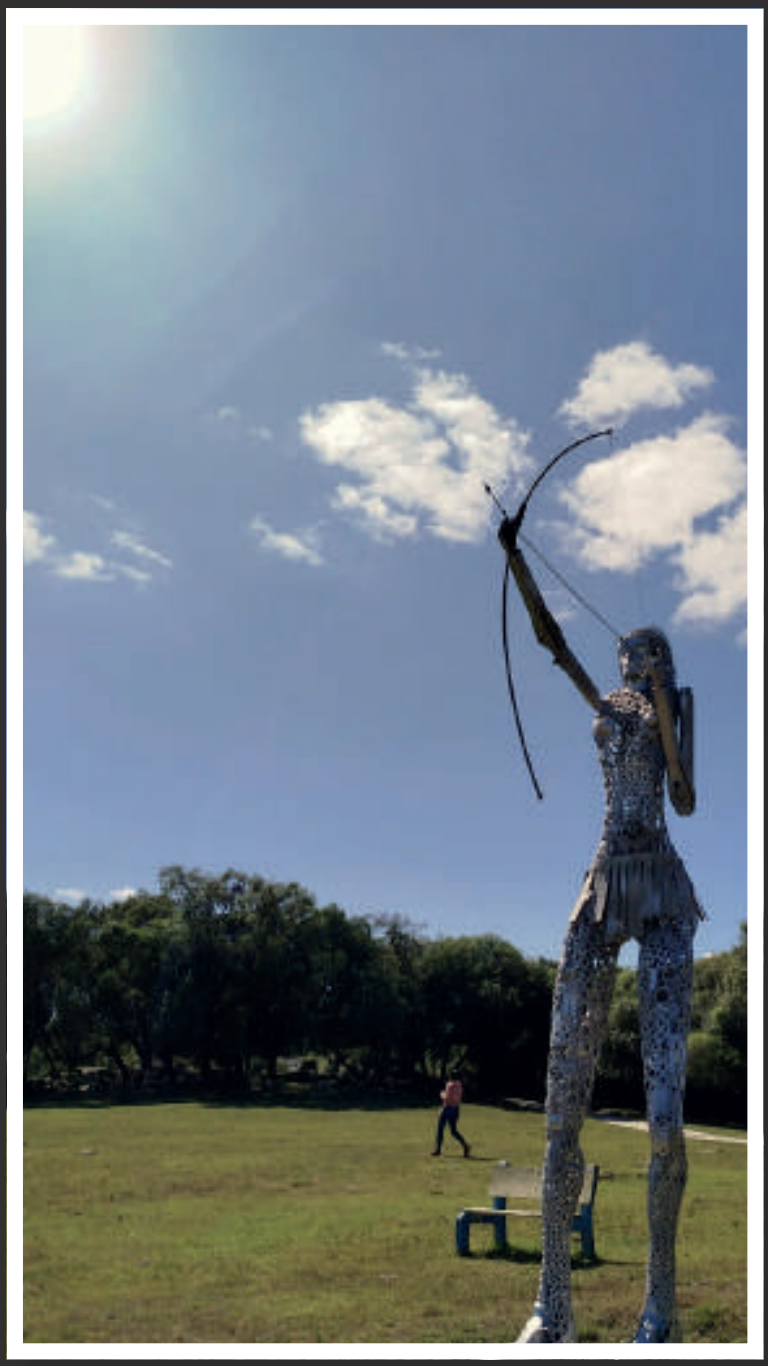


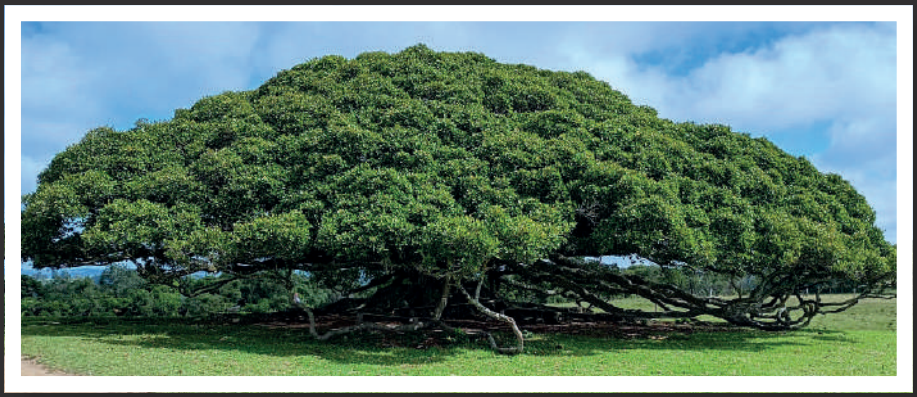

VENDE



> Cada fotografia é um **convite à reflexão** sobre o **tempo**, o **pertencimento** e o **valor** do que permanece **escondido**.

OLHARES GEOPARQUE





Por meio de um olhar sensível e documental, o projeto revela as marcas do tempo impressas nos casarões, nas ruas de pedra e na igreja centenária, os quais carregam histórias de gerações. Mais do que registrar paisagens, o projeto se volta aos espaços esquecidos, abandonados ou ignorados no cotidiano — lugares à margem da paisagem urbana valorizada, mas profundamente enraizados na identidade local. É um tributo à cultura caçapavana e à herança silenciosa que resiste, preservando a história viva nas esquinas discretas da cidade.

Olhargrafia, por Gilson Pazini

O projeto *Olhargrafia*, de Gilson Pazini, destacou a relação entre luminosidade e narrativa com imagens que exploram a poesia visual da iluminação natural e suas múltiplas interpretações sensoriais. Tratou-se de um projeto de experimentação estética voltado à linguagem da luz e sombra. As imagens propuseram uma leitura poética da fotografia, nas quais o jogo de contrastes e as tonalidades cromáticas foram explorados como elementos narrativos. Cada fotografia foi construída como uma pequena narrativa visual para desafiar o espectador a ler sensações, atmosferas e emoções por meio das nuances de luz.

Figura 7 – *Olhargrafia*: *escrevendo com a luz*

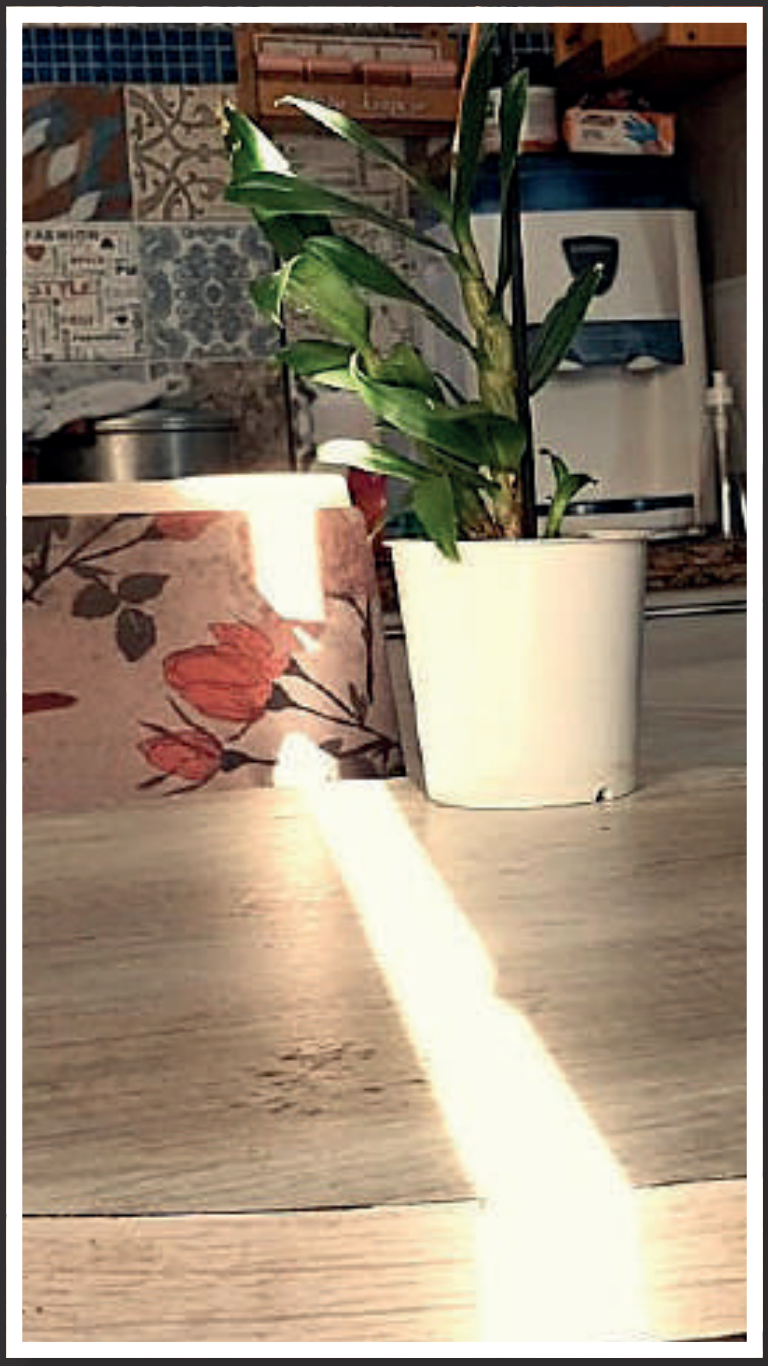


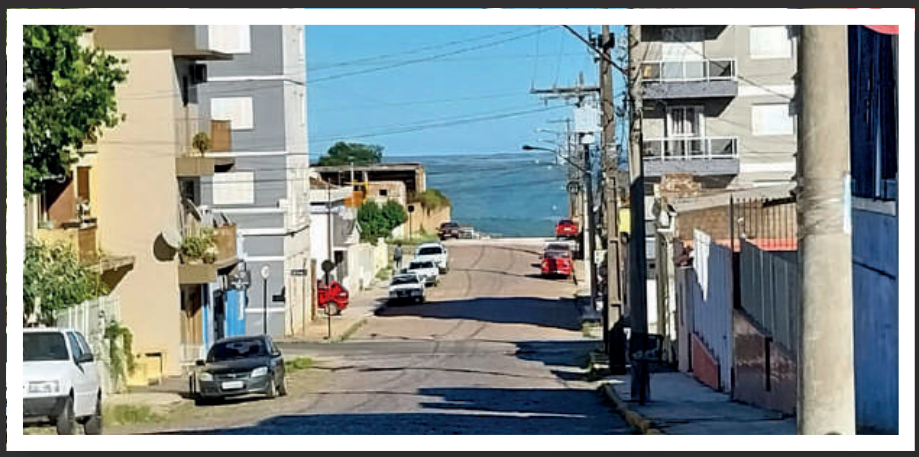
Fonte: Gilson Pazini (2025).

“Escrevendo com a luz é um projeto fotográfico que **investiga** a **linguagem visual** da luz e da sombra como **elementos narrativos**.”

OLHARES GEOPARQUE











> Cada **imagem é uma frase**, cada **sombra uma pausa**, compondo uma narrativa visual que convida à contemplação e à **leitura sensível** dos **detalhes** que a luz **revela** ou **oculta**.

OLHARES GEOPARQUE







Gilson Pazini descreve a experiência como "uma imersão sensível nas possibilidades expressivas da luz, da sombra e das cores". Seu trabalho valoriza o instante como composição visual, uma escrita poética feita com contraste, silêncio e atmosfera. Cada imagem desperta uma nova relação com os elementos visuais do cotidiano, revela um pedaço do mundo que só a luz poderia revelar — ou esconder.

Com esse projeto, Gilson compreendeu que fotografar é moldar o tempo com a luz, é escrever com brilho e sombra aquilo que as palavras não alcançam. Sua obra convida o espectador a uma leitura mais contemplativa da imagem, um mergulho nos intervalos entre o visível e o intuído.

PelaPorta, por Edenilson Marques

O projeto *PelaPorta*, de Edenilson Marques, apresentou um exercício de fotografia conceitual. Ele utilizou a imagem de portas como metáfora para discutir o acesso ao conhecimento e à leitura e construir uma narrativa visual sobre barreiras, limites e possibilidades de passagem. Cada fotografia foi pensada como uma narrativa em si, a fim de provocar o espectador a refletir sobre os limites visíveis e invisíveis que definem quem tem ou não acesso à informação e cultura.

Figura 8 – *PelaPorta: a foto da leitura*



Fonte: Edenilson Marques (2025)

> O projeto **PelaPorta: A foto da Leitura** propõe um **olhar** sobre os limites da leitura, representados **metaforicamente** por portas — **abertas ou fechadas** — e os transforma em imagens carregadas de **sugestão**, **movimento e silêncio.**

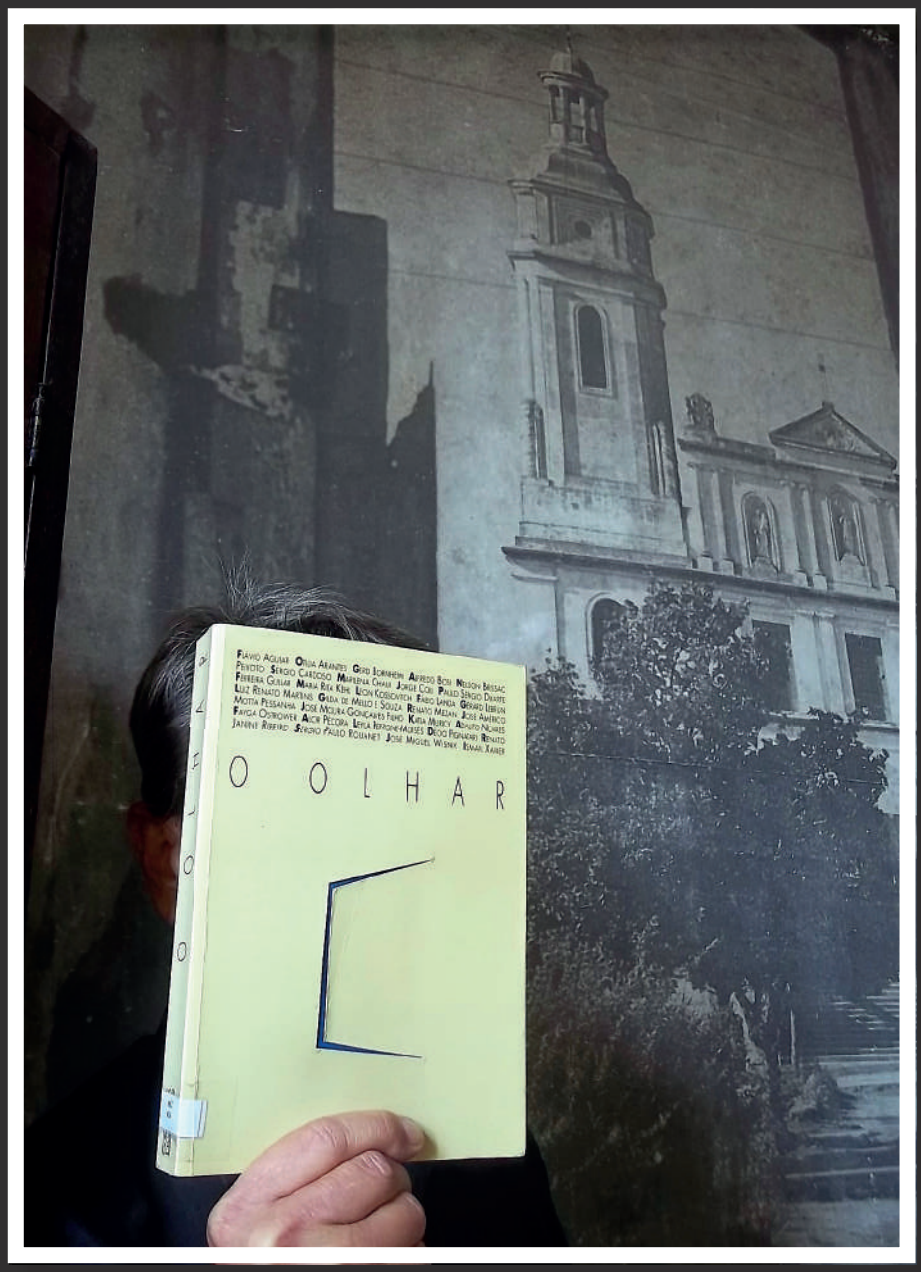
OLHARES GEOPARQUE





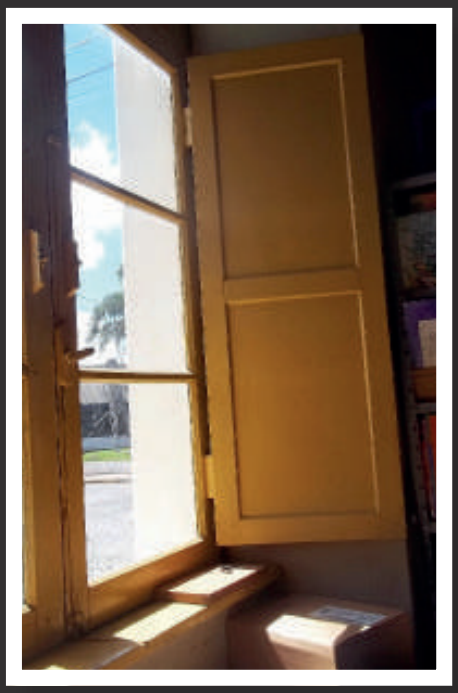




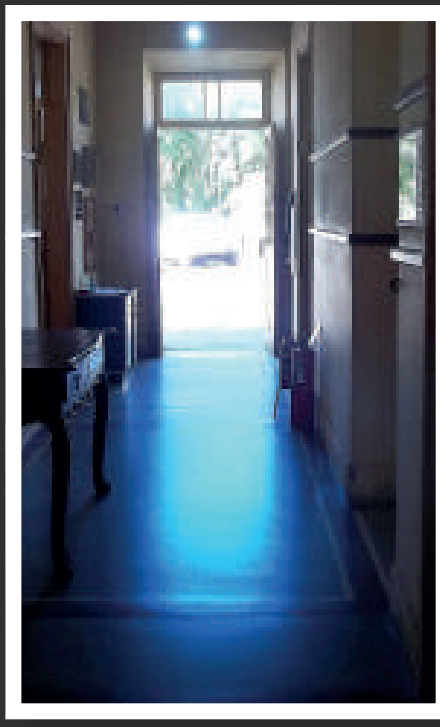

O OLHAR





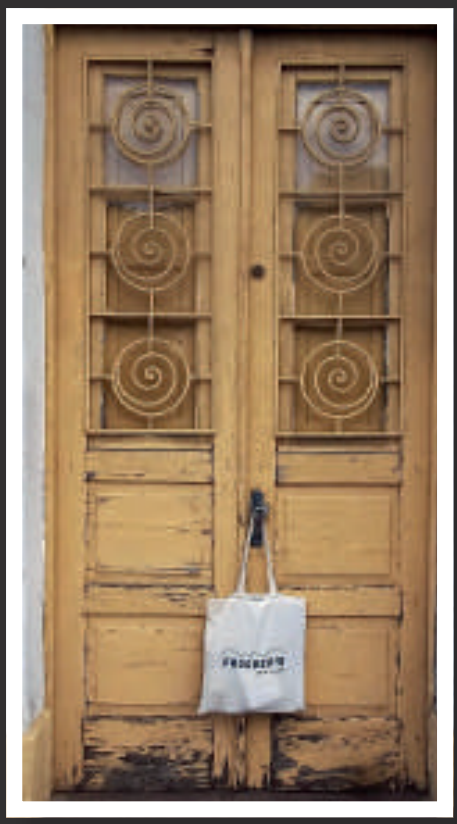




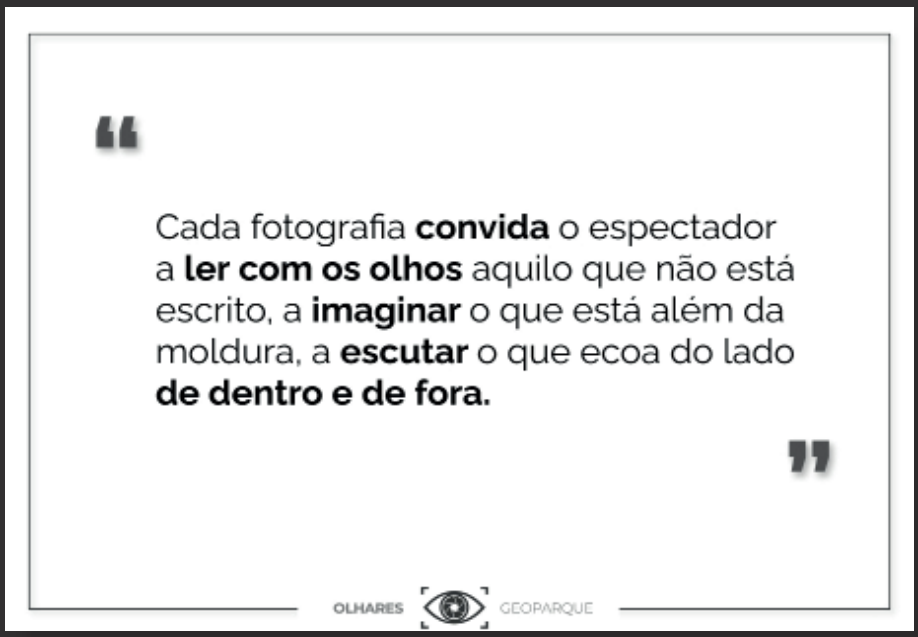












Esse projeto ilustra como os participantes passaram a articular técnica, conceito e crítica social em suas produções, resultado direto das estratégias de aprendizado do curso para desenvolvimento do pensamento fotográfico que incentivou autoria, intencionalidade e construção de sentido.

Raízes que transformam, por Emiliana Batista e Michellyne Melo

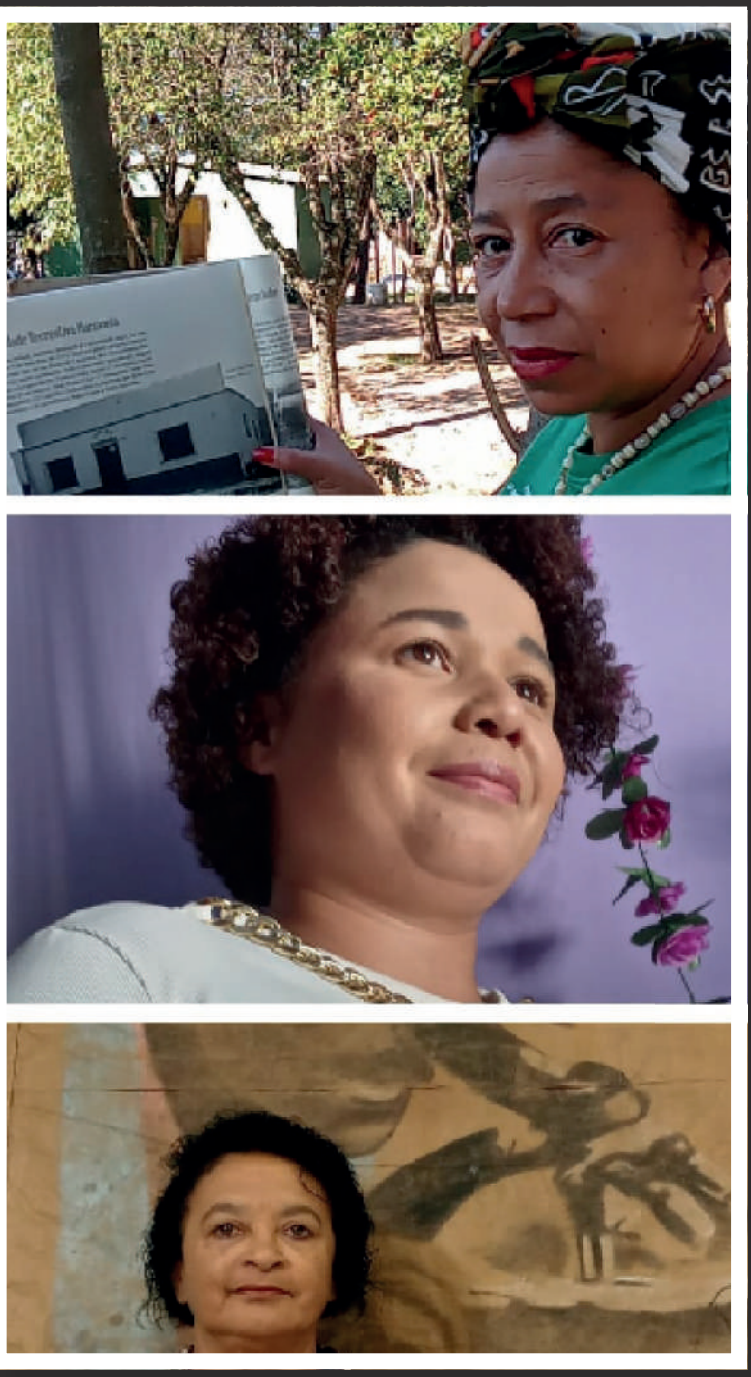
O projeto *Raízes que transformam*, de Emiliana Batista e Michellyne Melo, fez emergir a potência social com o protagonismo de mulheres negras que atuam como agentes de mudança e transformação social em Caçapava do Sul. Elas criaram um ensaio fotográfico de cuidado, resistência, afirmação e orgulho. A escolha por retratos diretos e a valorização dos olhares das mulheres fotografadas conferiram

ao projeto uma estética de resistência e empoderamento, alinhando arte visual e ativismo social.

Figura 9 – *Raízes que transformam*: *mulheres negras e os espaços de mudança*



Fonte: Emiliana Batista (2025).



> O projeto fotográfico **Raízes que transformam**: Mulheres Negras e os Espaços de Mudança **celebra a força** e a presença de **mulheres negras** que atuam como **protagonistas** da **transformação social** em Caçapava do Sul.

OLHARES GEOPARQUE




Mapeamento dos Pontos
de Mem
no Geoparque C
de Memória
no Geoparque Cariri

> Por meio de seus **saberes**, **práticas** e **lideranças**, essas **mulheres** constroem e sustentam **espaços de inclusão**, aprendizado e **empoderamento**.

OLHARES GEOPARQUE

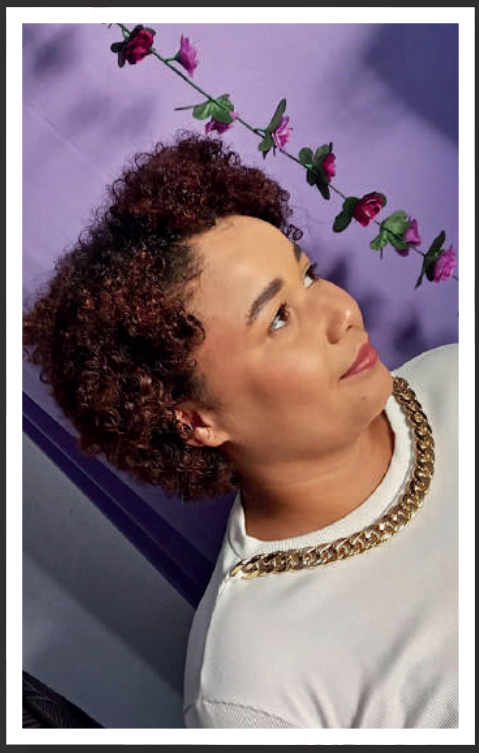




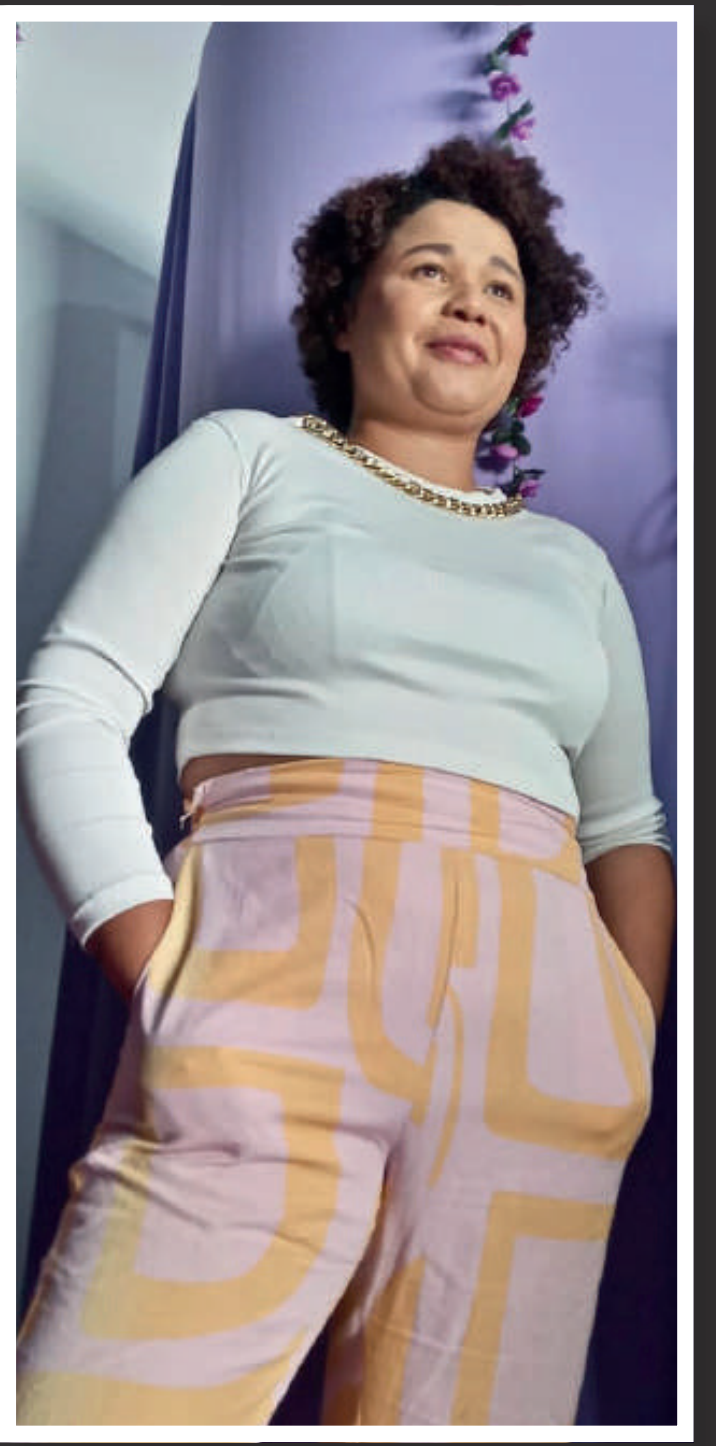


> São raízes que **rompem barreiras** e florescem em **novos caminhos** de **liberdade**, equidade e **esperança**

OLHARES GEOPARQUE




POR MÃOS DE MULHERES



As trajetórias dessas mulheres inspiram mudanças no mercado de trabalho e na sociedade, enraizando possibilidades de futuro mais justo e diverso. Cada imagem revela rostos, histórias vivas de resistência, cuidado e transformação. Cada retrato é um testemunho da força que transforma desafios em conquistas coletivas. Essas raízes, firmes e ancestrais, impulsionam o presente e cultivam futuros mais inclusivos. A presença delas reafirma que a transformação social é feita de coragem, sabedoria e afeto.

Revelações em preto e branco, por Gislene de Sá e Nisiana

A preocupação com a memória, o tempo e os espaços urbanos em transformação foi outro eixo narrativo importante. Em *Revelações em preto e branco*, Gislene de Sá e Nisiana utilizaram o preto e branco como recurso narrativo para um mergulho nas camadas históricas da cidade, com imagens que exploram o desgaste do tempo sobre o patrimônio urbano, o que provocou reflexão sobre memória, perda e permanência.

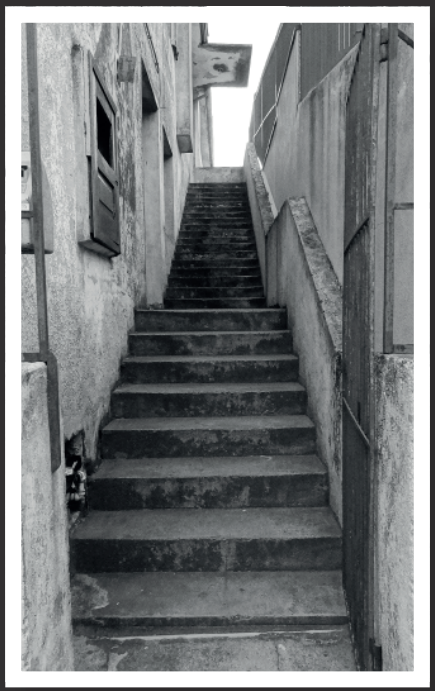
Figura 10 – *Revelações em preto e branco: o passado de Caçapava do Sul em memórias*

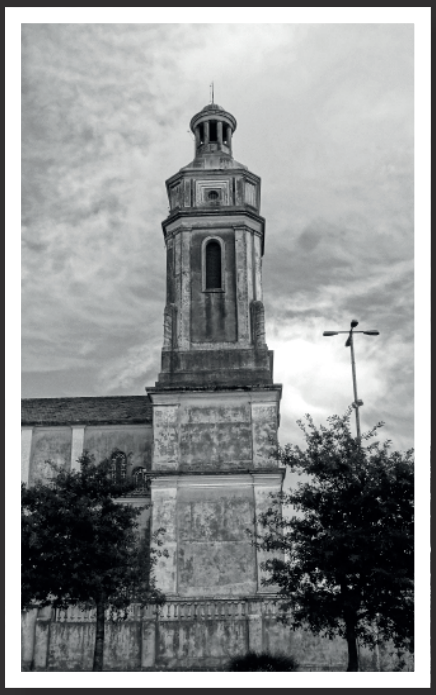


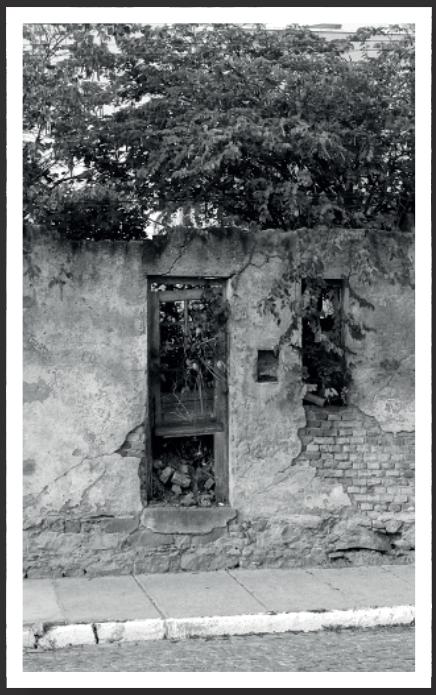
Fonte: Gislene de Sá e Nisiana (2025).

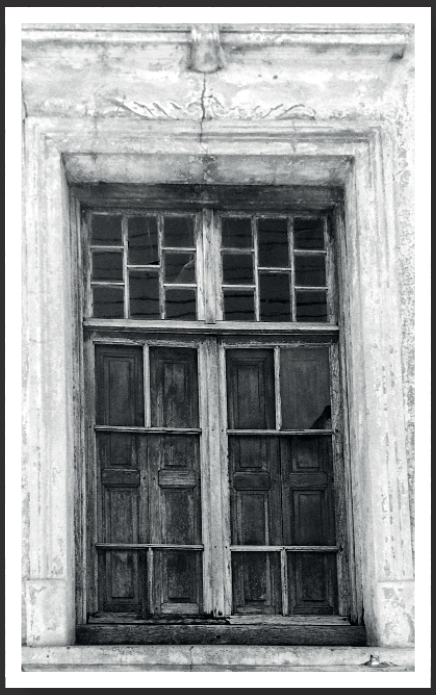




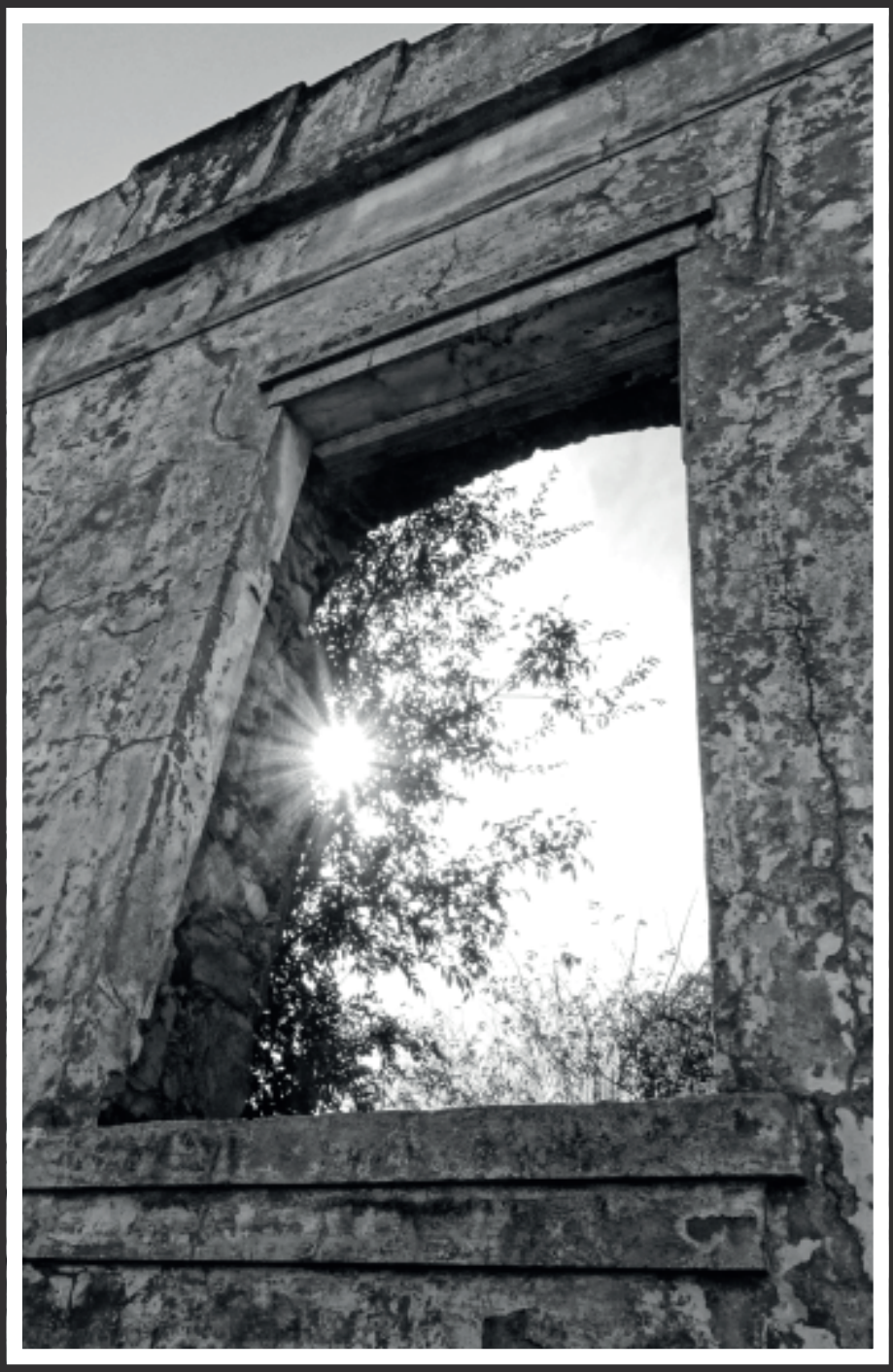


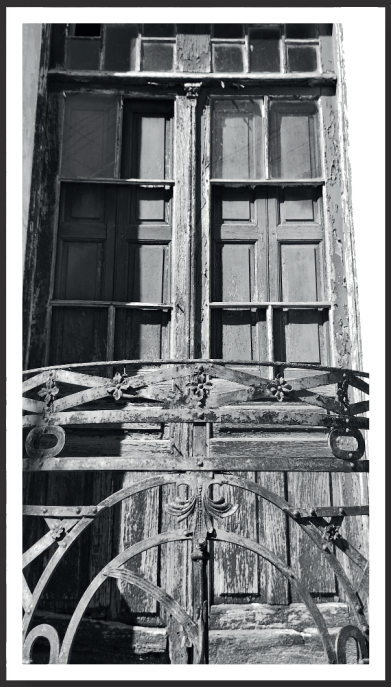


















> Mais do que um **registro visual**, Revelações em Preto e Branco é um **convite à escuta** e **à reflexão**. Entre a **melancolia do que se perdeu** e a **beleza do que ainda permanece**, surge uma esperança: a de que revisitar o **passado** pode inspirar o cuidado com o **presente** e a preservação para o **futuro**.

OLHARES GEOPARQUE



Este projeto fotográfico propõe um olhar sensível sobre os vestígios do tempo em Caçapava do Sul, revelando, em tons de preto e branco, histórias adormecidas nos cantos da cidade. Por meio de imagens que documentam o patrimônio histórico local, as autoras buscaram retratar como a ação dos anos transforma os espaços físicos e a memória coletiva.

Ao registrar fachadas gastas, estruturas esquecidas e detalhes que resistem ao tempo, o projeto provoca a nostalgia e desperta o diálogo entre gerações. Os mais velhos podem reconhecer lugares de suas vivências e partilhar memórias, enquanto os mais jovens são convidados a descobrir fragmentos da história de seu território.



FOTOGRAFIA COMO AGENTE DE MUDANÇAS

INCLUSÃO QUE GERA OPORTUNIDADES

Alguns dos participantes já haviam realizado outros cursos oferecidos pelo Programa Progredir, como o curso "Condutor de Turismo", que prepara cada participante para atuar como condutor de turismo, promovendo as riquezas naturais e culturais do geoparque (UFSM, 2024)[1]. Isso enriqueceu as saídas de campo, pois esses alunos compartilhavam com o grupo histórias e contextos históricos, o que gerou debate, reflexão e produção de narrativas visuais que destacam a identidade caçapavana.

Com esses debates e reflexões, os participantes passaram a enquadrar também as manifestações humanas presentes no território: feiras locais, rodas de chimarrão nas

[1] Divulgação do período de inscrições do curso Olhares do Geoparque. Ver em: https://www.ufsm.br/2024/07/15/inscricoes-abertas-para-cursos-gratuitos-do-progredir-geoparque-cacapava.

praças, ofícios artesanais e até vestígios de antigos processos de mineração. Tal abordagem reforçou o entendimento de que a fotografia é uma ferramenta de mediação cultural, capaz de conectar diferentes gerações com as suas raízes e fortalecer a visibilidade de grupos sociais que historicamente ocupam papéis secundários nas narrativas institucionais sobre o território.

A narrativa construída pelos alunos em suas imagens passou a dialogar diretamente com os três pilares que sustentam a filosofia dos Geoparques Mundiais: educação, conservação e desenvolvimento sustentável. Por meio da fotografia, os participantes produziram novas formas de ler, interpretar e representar o território. A fotografia transformou-se em ferramenta de educação não-formal, promoção do patrimônio e fortalecimento do senso de pertencimento.

Além disso, a experiência visual proporcionada pelo curso dialogou com o conceito de geoeducação, um dos eixos estratégicos do Geoparque Caçapava. A cada clique, os participantes refletiram sobre os processos geológicos, as histórias humanas e os contextos sociais que moldaram a paisagem ao seu redor. Essa vivência gerou um reconhecimento mais profundo da importância da preservação ambiental e cultural.

Ser Geoparque Mundial da UNESCO significa fazer parte de uma rede global de territórios que apostam em educação, cultura e sustentabilidade como caminhos de transformação social. Isso traz consigo oportunidades concretas de desenvolvimento econômico, especialmente por meio do geoturismo.

No contexto de Caçapava do Sul, município com indicadores socioeconômicos que apontam baixa taxa de

ocupação formal e alta concentração de famílias com renda inferior a meio salário mínimo *per capita*, a oferta de cursos de curta duração surge como uma resposta direta às necessidades de qualificação e acesso ao mercado de trabalho. A fotografia, especialmente através do uso de *smartphones*, foi escolhida como linguagem do curso por sua capacidade de democratizar o acesso às tecnologias criativas, pois exigia apenas dispositivos já presentes no cotidiano de muitos participantes.

Ao longo do curso, os participantes desenvolveram um olhar crítico e autoral sobre o que fotografar e como contar histórias através das imagens. Esse processo foi necessário para romper com o consumo passivo de tecnologia e transformar os *smartphones* em ferramentas ativas de produção cultural e expressão pessoal.

A certificação de Geoparque também ampliou o horizonte profissional dos participantes. Muitos passaram a vislumbrar a possibilidade de atuar como produtores de conteúdo voltado ao turismo sustentável, seja na criação de portfólios para divulgar os atrativos locais, seja no oferecimento de serviços como fotografia de eventos culturais, passeios guiados ou projetos autorais que dialoguem com o conceito de identidade visual regional.

O curso também introduziu os participantes ao universo da curadoria de imagens, direção de arte e até da direção de fotografia para produções audiovisuais, áreas que, até então, pareciam distantes da realidade de muitos deles. O exercício de selecionar as melhores fotos para exposições, discutir narrativas visuais e planejar sequências de imagens foi um passo importante para despertar interesses por campos profissionais antes pouco conhecidos ou explorados dentro da comunidade local.

Ao dominar o uso das ferramentas digitais, os participantes passaram a comunicar suas vivências e perspectivas de maneira mais efetiva, tornando-se protagonistas na construção de novas representações sobre Caçapava do Sul e o Geoparque. O compartilhamento das produções em redes sociais e espaços expositivos ampliou a visibilidade dos autores e fortaleceu o reconhecimento das identidades locais, dando voz a grupos que muitas vezes ocupam lugares de invisibilidade social.

Essa inclusão digital, ao dialogar diretamente com os princípios da economia criativa e cidadania digital, consolidou nos participantes a consciência de que suas histórias, olhares e produções têm valor econômico, cultural e simbólico. A conexão com o Geoparque, por sua vez, ampliou esse alcance, o que posiciona os participantes como atores relevantes na promoção turística, cultural e patrimonial do território.

A jornada de aprendizagem e descoberta iniciada com o curso não se encerrou com a última aula. Pelo contrário, tornou-se um ponto de partida para novas trajetórias pessoais e profissionais. Muitos relataram a intenção de dar continuidade aos estudos e explorar áreas como gestão de mídias sociais, produção audiovisual, comunicação digital e até mesmo cursos futuros ofertados no âmbito do Progredir. Essa perspectiva de continuidade mostra a relevância do programa, que atua como um ponto de partida para trajetórias de emancipação social e econômica.

EMPREENDEDORISMO E CONTINUIDADE

A conclusão do curso Olhares do Geoparque, com o término das aulas e realização da exposição, poderia ter representado um ponto final, mas acabou por se tornar o início de um novo

ciclo de possibilidades para os participantes. O envolvimento com a fotografia despertou o olhar criativo e o senso de protagonismo e iniciativa empreendedora, em que os participantes foram encorajados a explorar novos caminhos e dar continuidade às ações e à sustentabilidade dos projetos individuais e coletivos.

Durante os encontros finais do curso, surgiu de forma espontânea entre os participantes a preocupação com a manutenção e expansão das atividades iniciadas. O desejo de compartilhar o aprendizado com outras pessoas da comunidade, realizar novas exposições e continuar registrando as transformações do território motivou a organização de uma campanha de financiamento coletivo para viabilizar novas exposições e ações, o que foi um ato de protagonismo e autonomia.

Essa iniciativa se tornou um exercício prático de mobilização social e articulação comunitária. A campanha foi planejada de maneira colaborativa: todos contribuíram com ideias, redação de textos, produção de materiais audiovisuais de divulgação e definição de metas financeiras. A construção de um discurso coletivo que transmitisse ao público a relevância social e cultural do projeto foi um momento de aprendizado sobre comunicação estratégica e gestão de projetos.

Além da arrecadação de fundos, o processo de organização da campanha possibilitou o desenvolvimento de habilidades diretamente relacionadas ao empreendedorismo digital. Os participantes aprenderam na prática a utilizar redes sociais para engajamento, gravar vídeos de apresentação, criar peças gráficas e gerir plataformas de *crowdfunding*.

Figura 11 – Campanha de Financiamento Coletivo



Fonte: Portal Catarse (2024).

O movimento de mobilização foi além dos muros do curso: as redes de contato dos participantes — familiares, amigos, vizinhos, pequenos comerciantes locais e instituições culturais — foram ativadas para criar um ecossistema de apoio ao projeto. Foi esse engajamento comunitário que ampliou a visibilidade da ação e reforçou a conexão afetiva entre os participantes e seu território.

O impacto alcançado com a realização da Mostra Fotográfica Olhares do Geoparque gerou uma série de desdobramentos que ampliaram as possibilidades de atuação dos alunos e abriram novas perspectivas para a continuidade do projeto. Um dos primeiros reflexos desse sucesso foi o convite para que a exposição integrasse as comemorações oficiais dos dois anos de certificação do Geoparque Caçapava pela UNESCO, um evento importante para o município e para o reconhecimento internacional da região. Essa nova oportunidade de exibição reforçou o vínculo

entre os participantes do curso e as ações institucionais de valorização do território.

A repercussão positiva do evento também inspirou o convite para montar uma nova mostra fotográfica no *campus* Sede da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o que amplia o alcance das produções autorais para um público acadêmico e regional. Essa iniciativa também gerou diálogos sobre a possibilidade de futuras parcerias entre o projeto e instituições de ensino superior, como a publicação deste livro.

Outro reconhecimento importante foi o convite para que as imagens integrassem as atividades comemorativas do aniversário de Caçapava do Sul. Isso reafirma a importância do projeto como ferramenta de construção de memória e celebração da identidade local. Todos esses convites não só reforçaram o reconhecimento social das produções dos alunos, como também incentivaram novos olhares para a fotografia enquanto linguagem de participação cívica e valorização cultural.

No campo do empreendedorismo cultural, a experiência da exposição despertou entre os participantes o desejo de dar continuidade ao aprendizado e ampliar o acesso da comunidade às formações fotográficas. A partir dos debates promovidos durante a mostra, surgiram ideias para novos projetos culturais com foco na democratização da cultura, na inclusão social e no fomento ao turismo sustentável no território do Geoparque.

As oportunidades foram ainda mais impulsionadas pelas conversas com representantes da gestão pública municipal, especialmente durante a visita do Secretário de Cultura, que compartilhou com os participantes as novas possibilidades de financiamento e incentivo cultural disponíveis para o

município. Foram apresentados os planos da prefeitura de ampliar o acesso às políticas de fomento como a Política Nacional Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo, como forma de sinalizar um cenário para o desenvolvimento de iniciativas comunitárias e culturais em Caçapava do Sul.

Em um contexto de desafios econômicos e sociais, especialmente em regiões com menor acesso a recursos, a experiência vivida pelos participantes mostrou que o empreendedorismo pode ser gerado da criatividade, colaboração e valorização das identidades locais. No contexto específico do Geoparque Caçapava, a fotografia ganha contornos ainda mais estratégicos: ela pode ser utilizada para documentar o patrimônio natural, promover o turismo sustentável, fortalecer o sentimento de pertencimento local e criar narrativas visuais que valorizem as singularidades do território.

NOVOS OLHARES, NOVOS FUTUROS

O curso Olhares do Geoparque não termina com o encerramento das atividades. Pelo contrário, ele inaugura um novo ciclo de descobertas, encontros e partilhas. A força das imagens produzidas ao longo dessa trajetória, somada aos depoimentos e projetos autorais dos participantes, deu origem a um movimento que agora se expande para além das salas e saídas fotográficas.

Essa união materializa-se na organização autônoma dos próprios participantes, que passaram a se reconhecer como protagonistas do processo e idealizaram a formação de um coletivo artístico. Motivados pelo desejo de manter viva a experiência e multiplicar os aprendizados, os alunos começaram a se reunir para planejar juntos ações futuras de circulação das obras, oficinas para novos públicos e articulações com espaços culturais da cidade.

Esse coletivo nasce do interesse pela fotografia e pelo reconhecimento de que a arte pode ser uma ferramenta de

transformação. Organizados de forma colaborativa, integram discussões sobre diversos temas, como curadoria, montagem de exposições, propostas de oficinas temáticas, documentação das ações e estratégias de engajamento com diferentes públicos. Essa articulação é um desdobramento da autonomia construída ao longo do curso, o que mostra um aprendizado sobre como gerir, criar e sustentar processos artísticos e educativos com impacto social. Além disso, a iniciativa é uma resposta aos desafios de acesso a oportunidades de desenvolvimento uma vez que reconhece o potencial econômico e turístico do Geoparque Caçapava e compreende o poder simbólico e educativo da fotografia na reconstrução de identidades e ressignificação de espaços.

Com o gerenciamento coletivo e colaborativo, os participantes deixam de ser alunos para se tornarem curadores de memórias, mediadores de saberes e agentes culturais do território do Geoparque Caçapava. Os olhares, voltados para os horizontes de oportunidades, revelam desejos de realizar exposições itinerantes e oficinas de fotografia para novos públicos da comunidade.

A Exposição Itinerante Olhares do Geoparque representa o primeiro gesto de devolutiva pública do projeto, uma forma de compartilhar com a cidade os olhares que foram compreendidos ao longo do curso. Com o propósito de ser mostra fotográfica, se torna também um espaço de escuta, encontro e reconhecimento mútuo, em que cada imagem se torna ponte entre quem fotografa e quem é fotografado, entre território vivido e o território reinventado pelo olhar sensível dos participantes.

As imagens irão circular por diferentes espaços de Caçapava do Sul e região — escolas, centros culturais, praças, igrejas,

unidades de saúde, feiras, bibliotecas e espaços comunitários. Cada parada da exposição será pensada como um momento de ativação simbólica do território, onde as fotografias poderão dialogar com diferentes públicos e realidades. O objetivo é claro: aproximar a comunidade das histórias contadas por quem vive e sente o território por dentro — revelar a cidade através de múltiplos pontos de vista.

Já as Oficinas de Fotografia foram concebidas como ferramentas de expansão e multiplicação do conhecimento construído coletivamente. Elas têm como objetivo ampliar o alcance do projeto e permitir que a experiência vivida pelos participantes do Olhares do Geoparque possa se estender a outras pessoas e territórios.

Pensadas sob uma lógica de acesso e inclusão, as oficinas serão levadas a diferentes regiões de Caçapava do Sul para promover a descentralização das ações culturais e educativas. O foco está em acolher diversos perfis e gerações: jovens em busca de expressão, idosos com histórias a preservar, estudantes curiosos, trabalhadores em trânsito e moradores que, muitas vezes, nunca se viram representados nas imagens que circulam sobre sua própria cidade. Todos serão convidados a mergulhar em um processo de escuta, observação e criação.

Mais do que ensinar técnicas, essas oficinas terão como fundamento a mesma abordagem experiencial do curso Olhares do Geoparque — a de promover o desenvolvimento da inteligência visual, a valorização cultural e o empoderamento através da imagem. Cada novo participante será instigado a olhar para sua realidade com outros olhos, encontrar beleza e presença onde antes havia invisibilidade, e se reconhecer como autor de sua própria narrativa visual.

Pessoas de diferentes faixas etárias, trajetórias e origens, reunidas em torno de um objetivo comum: fazer da fotografia um instrumento de diálogo, pertencimento e transformação social.

Nesse novo ciclo, nos próximos passos, a prática fotográfica continuará sendo semeada como linguagem viva e acessível, capaz de gerar novas formas de ver, sentir e agir no território. Ao fortalecer a dimensão comunitária do projeto, as oficinas se tornam lentes para uma cidade que se enxerga com mais nitidez, se respeita com mais profundidade e se projeta com mais foco nos horizontes do Geoparque Caçapava Mundial UNESCO.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BINDA, R. **Plano de ensino do curso Olhares do geoparque: explorando a essência visual de Caçapava**. Santa Maria: Pró-Reitoria de Extensão UFSM, CODER, 2024. [S. l.: s. n.], 2024. (Documento institucional)

BORBA, A. W. Um Geopark na região de Caçapava do Sul (RS, Brasil): uma discussão sobre viabilidade e abrangência territorial. **Geographia Meridionalis**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 45–62, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Geographis/article/view/10302. Acesso em: 14 jun. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS). **Programa Progredir: qualificação profissional e microcrédito**. Brasília, DF: MDS, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-cursos-de-qualificacao-vagas-de-emprego-e-microcredito-produtivo-pelo-progredir. Acesso em: 13 jun. 2025.

BRUM, E. C. O **GEODIA como base educacional para a certificação do Geoparque Aspirante Caçapava**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/30218/TCC_EduardaBrum.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

IBF. Instituto Brasileiro de Florestas. **Bioma Mata Atlântica**. Curitiba: IBF, 2024. Disponível em: https://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica. Acesso em: 14 jun. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Caçapava do Sul**: panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cacapava-do-sul/panorama. Acesso em: 11 jun. 2025.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



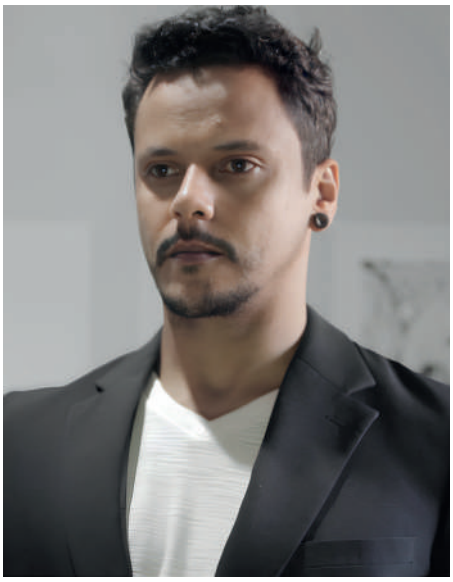


SOBRE A ORGANIZADORA

Doutora e Mestra em Geografia (UFSM), na linha de pesquisa Dinâmicas Territoriais do Cone Sul. Atua na Área de Desenvolvimento Regional, na Pró-Reitoria de Extensão (UFSM), é a Técnica em Assuntos Educacionais responsável pelo Programa Progredir Geoparque na Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: angelitazd@gmail.com



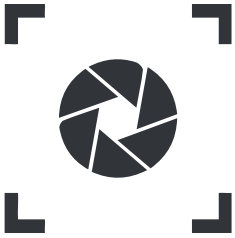


SOBRE O AUTOR

Renan Binda é designer, mestre e doutor em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento. Atua como pesquisador principalmente nas áreas de acessibilidade, inclusão digital, *design* social e gestão do conhecimento. Já foi professor no Instituto Federal de Santa Catarina – *Campus* Palhoça Bilíngue e na Universidade Federal de Santa Catarina. Integra projetos que articulam arte, tecnologia e transformação social em territórios diversos, com especial interesse pela escuta ativa de comunidades e pelo fortalecimento de narrativas locais.

Fotógrafo de longa data, foi idealizador do curso Olhares do Geoparque em Caçapava do Sul (RS) por acreditar no poder da fotografia como ferramenta de expressão e empoderamento, capaz de ampliar o repertório visual e reconfigurar a relação com o território, a memória e o futuro. Sua atuação une metodologias participativas, tecnologias do cotidiano e práticas criativas para promover formações sensíveis, colaborativas e transformadoras.

E-mail: renanbinda1@gmail.com



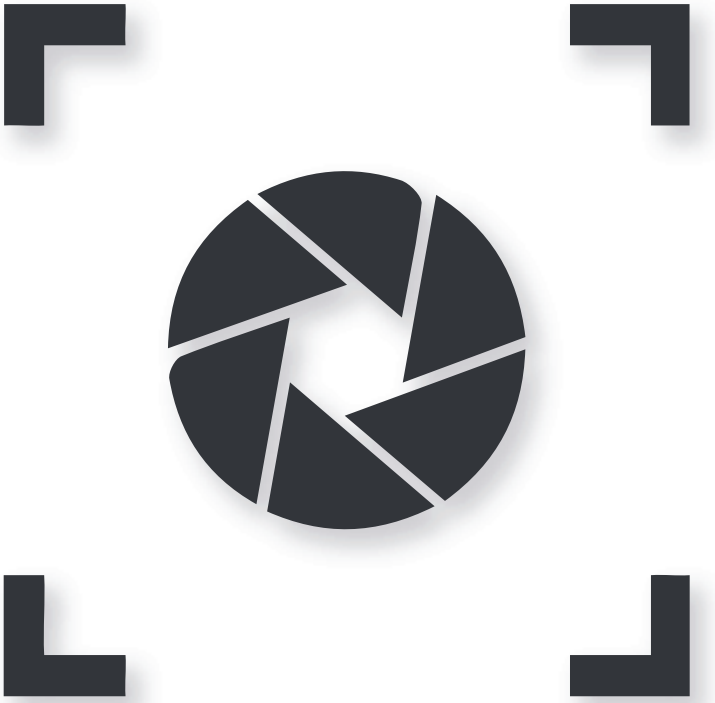
Essa obra foi composta
com as tipografias Montserrat e Poppins

OLHARES DO GEOPARQUE

FOTOGRAFIA E EMPODERAMENTO EM CAÇAPAVA

AUTOR
Renan Binda

ORGANIZADORA
Angelita Zimmermann



OLHARES DO GEOPARQUE

FOTOGRAFIA E EMPODERAMENTO EM CAÇAPAVA

1ª Edição

Editora PRE
UFSM

Santa Maria
2025